



CENESTAP
CENTRO DE ESTUDOS
TÊXTEIS APLICADOS

Quinta da Maia – Av. Do Brasil
Apartado 265 · 4760-010 V. N. Famalicão
Tel. 252 30 20 20 · Fax 252 31 61 42
cenestap@portugaltexil.com
www.portugaltexil.com/cenestap



observatório **têxtil**

ITV – 2003

Data: Novembro 2004

Autor: Observatório Têxtil do CENESTAP

Introdução

1. Enquadramento Macroeconómico

A Economia Mundial e da Zona Euro

O ano de 2003 ficou caracterizado por um crescimento do produto mundial de 3,9% depois um aumento de 3,0% em 2002. Contudo, o ritmo de crescimento não foi constante ao longo do ano, após um período de incerteza no primeiro semestre associado a tensões geopolíticas, ameaças terroristas, epidemia da síndrome respiratória aguda e receios deflacionistas, os sinais de recuperação intensificaram-se no segundo semestre.

Na base da evolução positiva da actividade mundial esteve a dinâmica de crescimento dos EUA e do Japão relativamente às economias avançadas, que contrastou com o fraco desempenho da área euro. Relativamente aos países de economia emergente, há a destacar o dinamismo das economias asiáticas cuja actividade beneficiou do aumento das exportações. De referir que a situação nas economias da América Latina registou também uma melhoria ao longo do ano, todavia, o crescimento médio anual desta área manteve-se fraco.

EUA

Nos Estados Unidos a retoma consolidou-se em 2003, o PIB cresceu 3,1% contra os 2,2% verificados no ano anterior. Todavia, o fortalecimento da actividade foi particularmente expressivo no segundo semestre uma vez que no início de 2003, a elevada incerteza geopolítica, que antecedeu a guerra no Iraque, abalou a confiança dos investidores e consumidores contribuindo para o atraso da recuperação. Este desempenho beneficiou de fortes estímulos das políticas macroeconómicas, nomeadamente, uma redução significativa dos impostos e a manutenção das taxas de juro a níveis historicamente baixos.

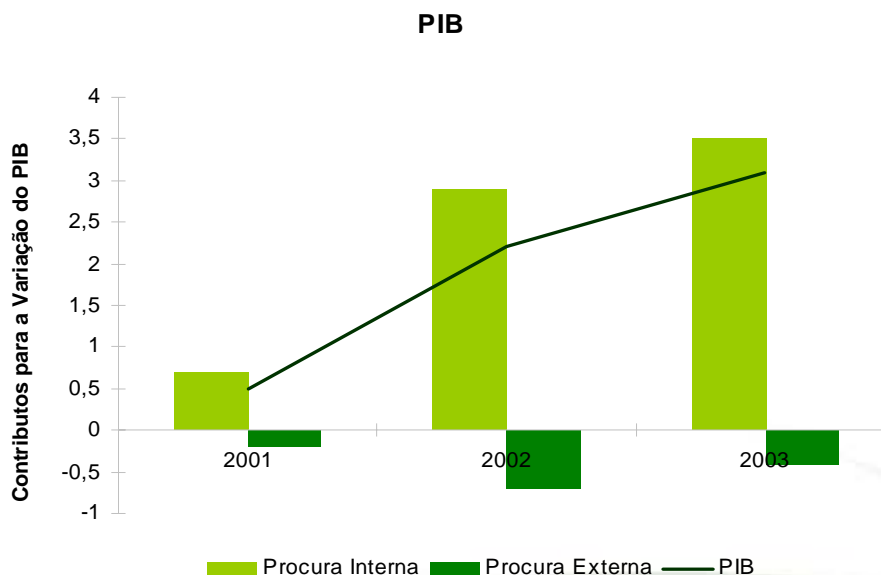
Um dos factores que mais contribuiu para o aumento do produto foi a Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) não residencial que, depois das quedas significativas em 2001 e 2002, registou um

crescimento de 3,0% reflectindo o aumento da confiança dos empresários, a evolução favorável dos lucros e as baixas taxas de juro.

O consumo privado real verificou um incremento 3,1% durante 2003 (3,4% em 2002) impulsionado pelos cortes nos impostos que ajudaram a manter o crescimento do rendimento disponível das famílias (4,3% em 2003 face aos 5,2% em 2002). É de destacar o aumento da despesa de bens duradouros de 7,4% devido à existência de baixos custos de endividamento. Neste contexto, a taxa de poupança das famílias manteve-se num nível bastante baixo correspondendo a 2,1% do rendimento disponível em 2003.

Em suma, o crescimento do PIB reflectiu, à semelhança do que se verifica desde 2001, a evolução da procura interna que contribuiu com 3,5 p.p. mais que compensando o impacto negativo da procura externa (-) 0,4 p.p.

Gráfico ... - EUA - Contribuição da Procura Interna e Externa para o PIB



Fonte: Department of Commerce

No mercado de trabalho, as informações disponíveis para 2003 apontam para alguma debilidade, embora no terceiro trimestre, tenham surgido sinais de melhoria. A taxa de desemprego começou a cair no Verão após ter atingido um valor máximo em Junho de 6,4%. No final do ano, o nível de

emprego era semelhante ao do final de 2002 e a taxa de desemprego situava-se em 5,7%. Note-se que a manutenção do emprego, conjugada com o crescimento económico se traduziu num forte aumento da produtividade no sector não agrícola (4,4% face a 5,0% em 2002) associado aos efeitos de uma melhor organização de processos produtivos e inovações na utilização de recursos existentes.

As remunerações cresceram moderadamente de 2,3% em 2002 para 3,4% em 2003, o que confrontado com o comportamento da produtividade se traduziu numa queda dos custos de trabalho para por unidade produzida (-1,0%).

Relativamente à inflação, verificou-se um aumento dos preços no consumidor e no produtor. No entanto, se corrigidas do impacto dos preços dos produtos energéticos, as pressões inflacionistas mantiveram-se fracas ao longo do ano, dadas as baixas taxas de utilização da capacidade produtiva e os aumentos da produtividade. No cômputo do ano a inflação medida pelo Índice de Preços no Consumidor (IPC) e no Produtor (IPP) aumentou para 2,3% e 3,2%, respectivamente face a 1,6% e -1,3% em 2002.

No que diz respeito à política monetária, o Comité de Operações em Mercado Aberto (FOMC) do Sistema da Reserva Federal reduziu em Junho de 2003 o objectivo para a taxa dos fundos federais em 25 pontos base, para 1,0%. A política orçamental foi também marcadamente expansionista resultando num aumento do défice federal de 3,5% do PIB face a 1,5% no ano fiscal de 2002.

JAPÃO

Superando as estimativas iniciais, a economia japonesa recuperou consideravelmente durante o ano de 2003. Suportada pelas exportações e pelo investimento privado a actividade económica nipónica cresceu 2,6% em termos médios anuais que compara com a queda de 0,3% no ano anterior.

Após algum enfraquecimento inicial, o dinamismo das exportações aumentou no segundo semestre, em particular, as exportações para a Ásia, tendo a China representado mais de metade do crescimento global deste indicador em 2003. Esta melhoria das exportações traduziu-se num aumento da produção industrial, tendo beneficiado particularmente os sectores mais voltados para

o mercado externo como a maquinaria eléctrica. As exportações terão ainda beneficiado da evolução do iene que, depois da depreciação significativa em termos reais e efectivos nos dois anteriores anos, continuou a tendência de queda em 2003 (depreciação de 2,2%).

O ritmo de crescimento não foi, contudo, suficientemente forte para reduzir significativamente a taxa de desemprego, que se manteve em níveis historicamente elevados 5,3% em 2003 face aos 5,4% de 2002.

A recuperação do investimento foi, também, um factor explicativo da retoma destacando-se o dinamismo das despesas em investimento não residencial privado impulsionado pela recuperação dos lucros empresariais, pelo aumento da confiança dos empresários num contexto de melhoria da procura externa e por melhorias estruturais nos balanços das empresas. Assim a FBCF não residencial aumentou 9,6% após uma queda de 7,0% no ano anterior.

O consumo privado, por seu turno, voltou a apresentar um crescimento moderado fixando-se em 0,9% (semelhante a 2002) condicionado pela evolução modesta ao nível do mercado de emprego.

No que respeita ao investimento público, verificou-se uma contracção devido aos esforços contínuos de alcançar a consolidação orçamental a médio prazo. Com efeito, o défice das Administrações Públicas manteve-se em 2003 próximo dos 8% do PIB e o rácio da dívida bruta voltou a aumentar, atingindo 166,1% do PIB.

Em 2003, as pressões deflacionistas abrandaram ligeiramente, o IPC caiu em média 0,3% face à redução de 0,9% em 2002 e de 0,7% em 2001. Note-se que a variação homóloga dos preços apresentou um valor próximo de zero nos últimos meses do ano, embora sendo resultado, em grande medida, de factores temporários.

ZONA EURO

Após um período de estagnação iniciado no quarto trimestre de 2002, a actividade económica da área euro evidenciou sinais de recuperação, em particular no segundo semestre do ano. Contudo, as expectativas iniciais quanto ao crescimento anual de 2003 tiveram que ser revistas em baixa. Efectivamente, de acordo com o Relatório Anual do BCE, o PIB real cresceu 0,4%, abrandando de uma taxa de crescimento de 0,9% em 2002 e mantendo-se abaixo da taxa de crescimento

tendencial pelo terceiro ano consecutivo. O abrandamento da actividade foi extensivo à quase totalidade das economias comunitárias, realçando-se, pela negativa, a queda do PIB de 0,8% nos países baixos e de 1,2% em Portugal.

Para a moderação do crescimento económico contribuiu fundamentalmente a procura externa com um crescimento nulo nos primeiros seis meses do ano, todavia, na segunda metade recuperou ligeiramente traduzindo-se num enquadramento externo mais favorável ao crescimento. De referir que o incremento das exportações foi atenuado pela apreciação do euro.

A procura final (excluindo as variações de existências) manteve-se comedida durante grande parte do ano tendo crescido 1,0%. No cômputo de 2003 o contributo global deste indicador fixou-se em 0,7 pontos percentuais (p.p.). Analisando separadamente a FBCF e o consumo privado concluímos que divergiram ao longo do ano. Enquanto a FBCF diminuiu nos primeiros três trimestres do ano tendo recuperado ligeiramente no quarto trimestre, o consumo privado, registou um crescimento trimestral em cadeia de 0,4%, no início do ano, mas quase estagnou até ao final de 2003.

QUADRO 1 – Composição do Crescimento do PIB Real na Zona Euro

Variações Homólogas (em Percentagem)	2001	2002	2003	2002 T4	2003 T1	2003 T2	2003 T3	2003 T4
Produto Interno Bruto Real	1,6	0,9	0,4	1,1	0,7	0,1	0,3	0,6
<i>do qual</i>								
Procura Interna	1,0	0,3	1,0	0,9	1,3	1,0	0,5	1,3
Consumo Privado	1,7	0,1	1,0	0,6	1,3	1,0	0,9	0,7
Consumo Público	2,5	2,9	1,9	2,2	1,9	1,7	1,8	2,3
FBCF	-0,3	-2,8	-1,2	-1,6	-1,9	-0,8	-1,2	-0,8
Varição de Existências	-0,5	0,2	0,3	0,5	0,5	0,2	-0,1	0,5
Exportações Líquidas	0,7	0,6	-0,6	0,2	-0,5	-0,8	-0,2	-0,6
Exportações	3,4	1,5	0,0	3,6	1,9	-1,5	-0,5	0,1
Importações	1,7	-0,1	1,5	3,3	3,6	0,8	0,0	1,8

Fonte: BCE

Um dos factores que afectou ambos, FBCF e consumo privado, durante o primeiro semestre foi a incerteza associada ao conflito militar no Iraque e às perspectivas para a economia no período subsequente. Com efeito, as famílias hesitaram em efectuar grandes compras e as empresas mostraram-se relutantes em expandir as suas capacidades de produção. No entanto, existiram

também condições favoráveis ao investimento e ao consumo, nomeadamente, o baixo nível das taxas de juro aliviou o encargo com o serviço da dívida das empresas e famílias.

Durante o segundo semestre assistiu-se também a uma recuperação da actividade industrial impulsionada pelo aumento das exportações de bens consistente com a elevada sensibilidade cíclica que a U.E. tem relativamente à evolução externa. Este comportamento foi marcado sobretudo pela evolução das exportações de mercadorias para fora da área euro favorecidas pela aceleração da actividade económica mundial a partir de meados do ano, embora num contexto de forte apreciação do euro em termos nominais e reais. No entanto, os exportadores do mercado comunitário terão tentado acomodar uma parte das perdas de competitividade através da redução das margens de lucro, tendo-se reflectido numa queda de 3,2% dos preços de exportação.

Mas, analogamente a 2002, em 2003, o ritmo de crescimento das exportações não conseguiu acompanhar a procura externa, resultando, deste modo numa perda significativa de quotas de mercado, com destaque para os mercados dos EUA, do Reino Unido e do Japão, países cujas moedas depreciaram, em média entre 16 e 9 por cento.

Relativamente às importações, os dados referentes a 2003 apontam para um crescimento de 1,8% que compara com um crescimento próximo de zero no ano anterior face ao aumento da procura global e aos efeitos da queda dos preços de importação na sequência da apreciação do euro.

O nível do emprego permaneceu estável ao longo de 2003, tal como acontecera durante a maior parte de 2002. O emprego mostrou-se mais resistente que o esperado, devido ao período prolongado de abrandamento económico. Apesar desta estabilidade é de assinalar uma elevada queda no número de horas trabalhadas contribuindo para uma grande parte do ajustamento do mercado de trabalho tipicamente associado a um abrandamento da actividade económica. Este ajustamento feito pelas horas evidencia sinais de maior flexibilidade do mercado de trabalho.

QUADRO 2 – Evolução do Mercado de Trabalho na U.E.

Variações Homólogas (em Percentagem)	2001	2002	2003	2002 T4	2003 T1	2003 T2	2003 T3	2003 T4
População Activa	0,9	0,9	-	0,7	0,6	0,6	0,5	-
Emprego	1,4	0,4	-	0,2	0,1	0,1	0,2	-
Agricultura	-0,8	-2,1	-	-2,0	-2,2	-1,9	-1,5	-
Indústria	0,4	-1,3	-	-1,6	-1,5	-1,4	-1,5	-

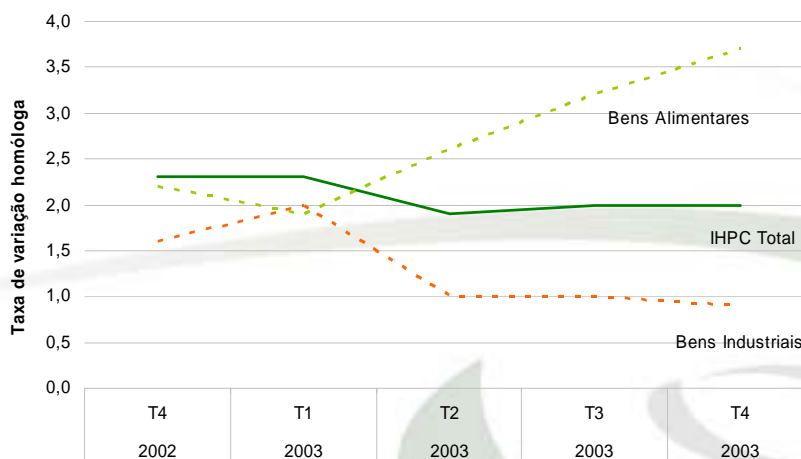
Variações Homólogas (em Percentagem)	2001	2002	2003	2002 T4	2003 T1	2003 T2	2003 T3	2003 T4
Excl. Construção	0,3	-1,4	-	-1,8	-1,8	-1,9	-1,9	-
Construção	0,4	-0,9	-	-1,0	-0,8	0,1	-0,2	-
Serviços	1,9	1,3	-	1,1	0,8	0,8	0,9	-
Taxas de Desemprego	8,0	8,4	8,8	8,6	8,7	8,8	8,8	8,8
Idade <a 25 anos	15,7	16,2	16,8	16,4	16,8	16,8	16,7	16,7
Idade >= a 25 anos	7,0	7,4	7,7	7,6	7,7	7,8	7,8	7,8

Fonte: BCE

O aumento da taxa de desemprego registado desde o início de 2001 abrandou na primavera de 2003 tendo a taxa permanecido constante até ao final do ano (8,8%). Ainda assim, a taxa foi em média superior em 0,4 pontos percentuais face a 2002. Desagregado a análise aos 15 países da área euro verificamos que, com excepção da Grécia e da Itália, onde o desemprego desceu, e da Finlândia e da Espanha, que registaram uma taxa de desemprego constante, os demais países registaram um aumento da taxa de desemprego.

Em 2003, a taxa de inflação medida pelo Índice Harmonizado de Preços no Consumidor (IHPC) desceu para 2,1% (0,2 p.p. abaixo do observado em 2003) mantendo-se, todavia, acima do objectivo comunitário de 2%, tal é explicado principalmente por factores de natureza temporária que contribuíram para a evolução irregular do IHPC, como por exemplo, o petróleo e os preços dos produtos alimentares no segundo semestre de 2003, embora os aumentos na tributação indirecta e nos preços administrados realizados em 2003 tenham tido também algum impacto.

Gráfico ... - Índice Harmonizado de Preços no Consumidor

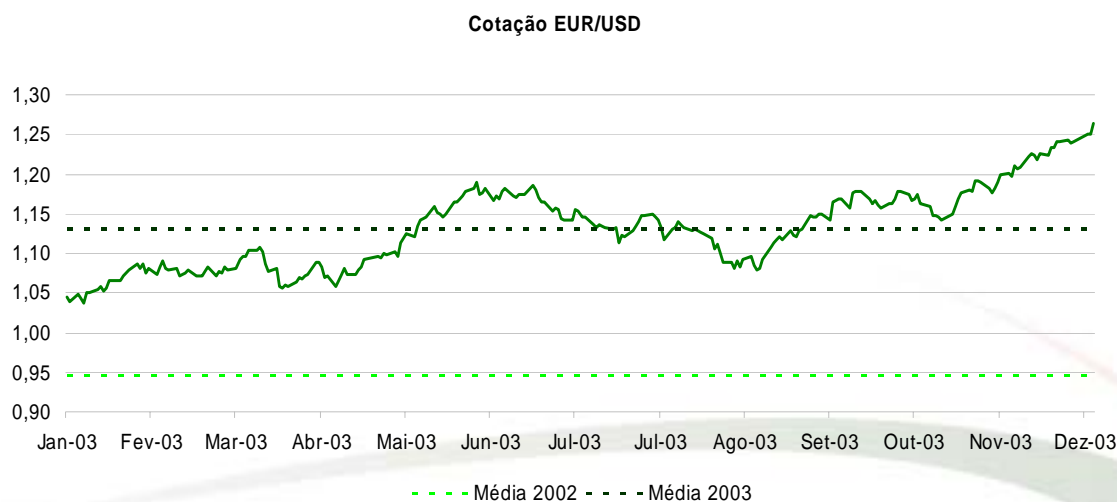


Fonte: Eurostat

Tendo por base a moderação das pressões inflacionistas no primeiro semestre do ano, as taxas de juro directoras do BCE foram reduzidas em 25 pontos base em Março e 50 pontos base em Junho. Assim, a taxa mínima proposta para as operações principais de refinanciamento atingiu o nível historicamente baixo de 2,0%. No segundo semestre, as taxas de juro directoras mantiveram-se, contudo, inalteradas uma vez que a orientação de política monetária adoptada foi considerada a adequada para preservar a estabilidade de preços a médio prazo.

Durante 2003, o euro continuou a apreciar-se face às principais moedas, com destaque para o dólar dos EUA que enfrentou pressões generalizadas de depreciação. Relativamente ao iene japonês, o euro teve um comportamento análogo ao do dólar até Setembro de 2003. A moeda da União Económica e Monetária (UEM) fortaleceu-se também face à libra esterlina, embora em menor escala. Estes desenvolvimentos ocorreram num contexto de incertezas económicas verificadas nos primeiros seis meses. No Verão a pressão ascendente sobre o euro foi temporariamente suspensa, tendo registado novos ganhos no final do ano. Assim, no final de 2003 a taxa de câmbio nominal efectiva do euro era quase 11% superior à registada no início do ano e 17% acima do nível médio de 2002.

Gráfico ... - Evolução da Cotação do Euro face ao Dólar Americano



Fonte: Banco de Portugal

A situação orçamental deteriorou-se novamente a 2003, tendo o défice das administrações públicas para o conjunto da área ascendido em média a 2,7% do PIB face aos 2,3% em 2002 o que implicou que conjunto do ano, alguns estados-membros (Bélgica, Itália e Portugal), prevendo a deterioração nas respectivas posições orçamentais, implementassem medidas temporárias significativas. Esta variação reflectiu a continuidade da desaceleração da actividade económica em 2003 que teve impacto negativo sobre o comportamento da receita fiscal e provocou uma forte subida da despesa pública associada ao desemprego.

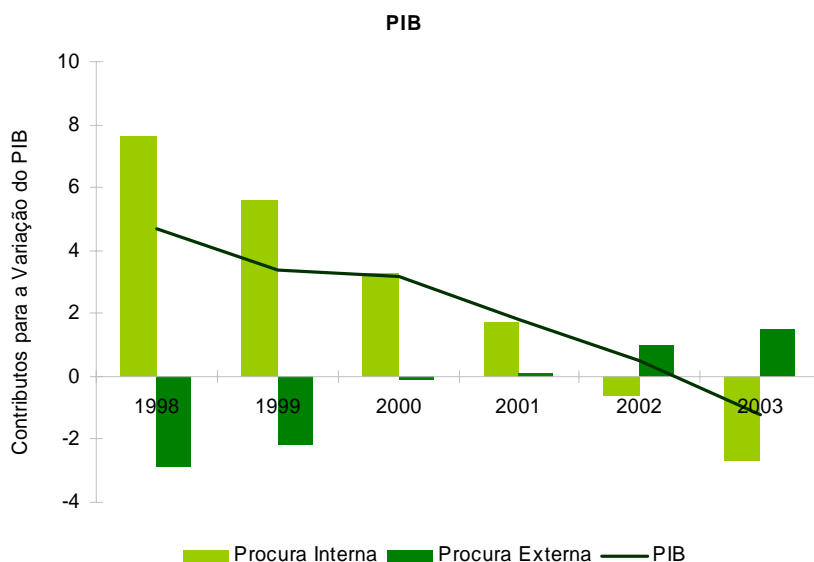
A ECONOMIA PORTUGUESA

Produto, Consumo e Finanças

Segundo as estimativas do Banco de Portugal, o Produto Interno Bruto diminuiu 1,2% em termos reais face ao crescimento de 0,5% em 2002. Esta contracção deveu-se em larga medida ao comportamento da procura interna que apresentou um contributo negativo para a evolução do PIB (-2,7 p.p.). Deste modo, pelo segundo ano consecutivo, o diferencial de crescimento da actividade económica entre Portugal e o conjunto da área euro foi negativo (-0,4 e -1,6 p.p. em 2002 e 2003, respectivamente). Refira-se que PIB da área euro cresceu 0,4% em 2003 face aos 0,9% do ano anterior.

O consumo privado também caiu em 2003 (-0,5% face ao crescimento de 0,5% em 2002) continuando o perfil descendente iniciado em 2002 acentuado na primeira metade do ano, todavia, no segundo semestre a evolução foi mais favorável. A descida do consumo resultou essencialmente da evolução da componente de bens, uma vez que o consumo de serviços manteve um crescimento moderado e similar ao do ano anterior. Destaca-se pela negativa o consumo de bens duradouros (inclusive os automóveis) com uma queda pronunciada (11% face ao ano anterior). Para a variação positiva nos serviços contribuíram os aumentos do consumo de serviços de saúde, seguros e fundos de pensões e comunicações.

Gráfico ... - Contribuição da Procura Interna e Externa para o PIB



Fonte: Banco de Portugal

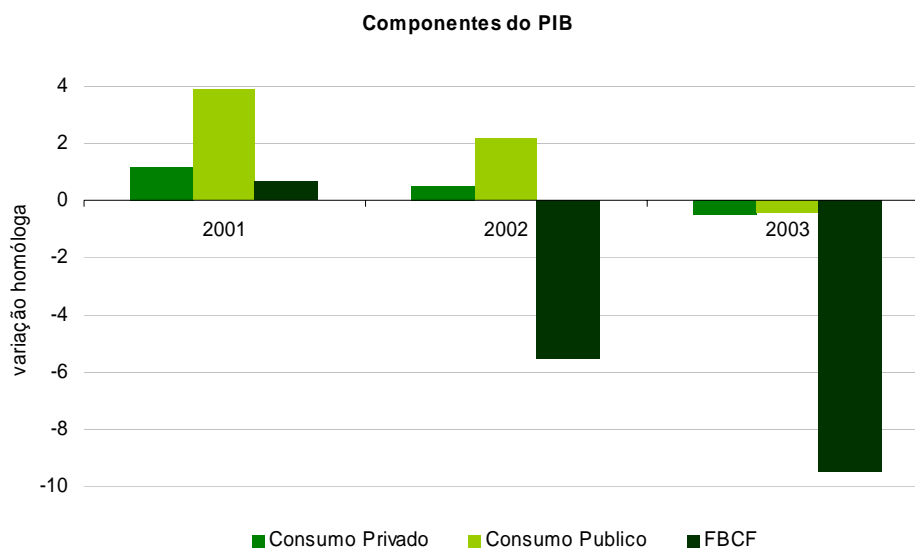
Paralelamente à queda do consumo privado assistiu-se em 2003 a níveis de confiança dos consumidores baixos, em particular nos primeiros meses do ano tendo atingido o mínimo histórico no final do primeiro trimestre tendo terminado o ano em valores inferiores à média de 2002. O rendimento disponível dos particulares registou, tal como o consumo privado um abrandamento significativo, com um crescimento de 2,8% face ao aumento de 4,1% em 2002. Esta evolução reflectiu uma forte contracção do crescimento das remunerações do trabalho (de 6,1% em 2002 para 2,2% em 2003).

Relativamente ao consumo público, estima-se que tenha registado uma variação negativa de 0,4% após um crescimento de 2,2% em 2002. Contudo, a empresarialização de um conjunto de hospitais no final de 2002 determinou a passagem da contabilidade destas entidades do sector das administrações públicas para as sociedades não financeiras tendo, portanto impacto, numa relevante componente do consumo público. Excluindo este efeito, o abrandamento do consumo traduziu a variação em volume negativa do consumo intermédio.

À semelhança de anteriores períodos recessivos da económica portuguesa, nomeadamente, 1984 e 1993, em 2003 a procura interna teve um contributo negativo para a variação do produto

impulsionada sobretudo pela redução das despesas em bens de investimento em 9,1%, embora as restantes componentes da procura interna tenham também diminuído face a 2002.

Gráfico ... -Principais Componentes da Procura Interna



Fonte: Banco de Portugal

Os dados relativos à formação bruta de capital (que inclui a FBCF e a variação de existências) para 2003 apontam para uma redução real de 9,1% que compara com uma queda de 4,8% em 2002. A contracção do investimento esteve directamente associada à variação da FBCF com uma queda de 9,5%, uma vez que a variação de existências teve um contributo nulo para o crescimento do PIB. Note-se que a quebra da FBCF resultou de uma contracção do investimento privado dado que a FBCF da administração pública (não considerando a venda de activos) aumentou 9,1%. Apesar de taxas de juro favoráveis ao investimento, o indicador continuou a reflectir as restrições financeiras associadas a elevados níveis de endividamento já atingidos e aos baixos níveis de confiança dos empresários. A FBCF em máquinas e produtos metálicos, em particular, registou uma queda menor que em 2002, diminuindo 6,1% após uma queda de 6,7% no ano anterior.

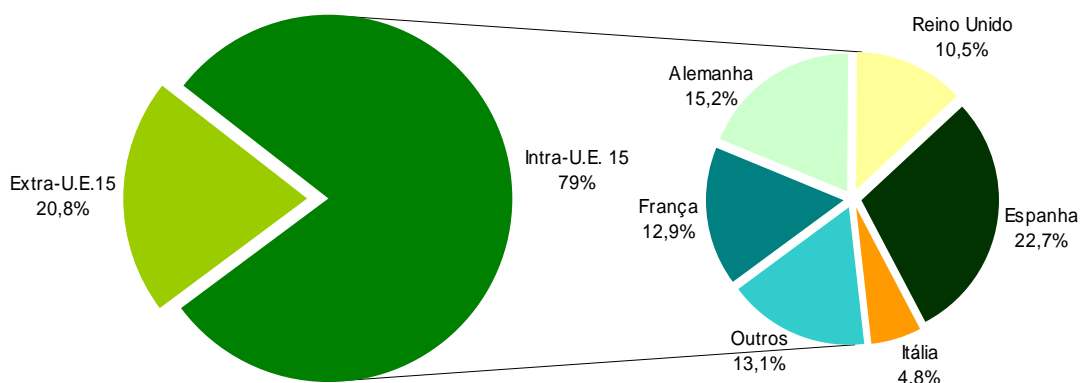
A produção industrial teve uma evolução desfavorável quando comparada com 2002. Efectivamente, o Índice de Produção Industrial (IPI) da Indústria Transformadora (IT) diminuiu 0,2% em termos médios anuais face ao aumento de 0,6% em 2002. Excluindo o subsector energético, a queda do IPI foi generalizada e situou-se em 0,5%. Em termos intra-anuais é de

realçar uma evolução negativa no primeiro semestre (queda de 1,7%) em seguimento com a observada no final de 2002, enquanto o segundo semestre foi marcado por alguma recuperação (crescimento de 1,3%).

Contrariamente às restantes componentes do PIB, as exportações de bens e serviços aumentaram 4,1% que compara com o crescimento de 2,4% em 2002. Na base deste crescimento esteve a componente de mercadorias cujas exportações aumentaram de 2,3% em 2002 para 5,7% em 2003. Desagregando a análise por grupos de produtos de acordo com o código das actividades económicas constata-se que as indústrias que mais contribuíram para este crescimento foram o “equipamento eléctrico e de óptica”, e o “mobiliário e outras indústrias transformadoras”. As indústrias denominadas de tradicionais como a “indústria têxtil, do couro e dos produtos de couro” apresentaram uma nova redução em termos reais 4,3% menos 1 p.p. que em 2002.

Relativamente aos mercados de destino, neste ano, verificou-se um crescimento mais significativo nas exportações de mercadorias para os mercados extra-comutários (crescimento de 4,8%) enquanto as exportações para a U.E. cresceram 1,8%. Todavia, é de referir o crescimento significativo das exportações para Espanha (14,9% em 2003 após um aumento de 10,9% em 2002) reforçando a posição deste mercado como principal destino das exportações portuguesas. Em contrapartida, a Alemanha, que até 2001 era o principal mercado de destino das exportações nacionais ocupa agora a segunda posição. O aumento significativo das exportações deveu-se, em grande medida, o esforço de colocação, por parte das empresas, dos seus produtos no exterior, num contexto de contracção da procura interna, mesmo que tal implicasse uma redução significativa das margens de lucro. Deste modo, os preços das exportações de mercadorias diminuíram cerca de 3,1% de forma generalizada em todas as categorias.

Gráfico ... - Pesos das Principais Áreas Económicas nas Exportações Portuguesas



Fonte: Banco de Portugal

As importações, por outro lado, voltaram a registar uma queda semelhante à do ano anterior (0,7%) impulsionadas quer pelas mercadorias (-0,6%) quer pelos serviços (-1,2%). Ao nível das categorias, são de destacar as quedas das importações de “máquinas de transporte” em 7,7% e as “máquinas e equipamentos” de 3,3%.

QUADRO ... - Exportações Portuguesas, Procura Externa e Quota de Mercado

Taxa de Variação Nominal (em percentagem)	Exportações de Portugal			Procura Externa ¹			Quota de Mercado		
	2001	2002	2003	2001	2002	2003	2001	2002	2003
Total de Bens	3,1	2,8	2,4	0,8	-1,8	0,6	2,3	4,7	1,7
Intra-área do euro	4,7	3,0	2,0	1,4	-1,8	2,7	3,3	4,9	-0,7
do qual:									
Espanha	2,3	10,9	14,9	3,1	0,0	7,3	-0,8	10,9	7,1
Alemanha	9,9	-2,9	-15,3	0,5	-3,7	2,4	9,4	0,9	-17,3
França	3,2	8,7	4,7	-0,5	-2,2	-0,8	3,7	11,1	5,5
Extra-área do euro	1,3	2,5	3,1	-1,1	-1,9	-6,2	2,4	4,4	9,9

¹ Calculada como uma média ponderada do crescimento nominal das importações de bens, avaliadas em euros, dos 17 principais parceiros comerciais. Cada país foi ponderado de acordo com o seu peso como mercado de exportação de Portugal no ano anterior. Os 17 países seleccionados constituem o destino de cerca de 90 por cento do total exportado

Taxa de Variação Nominal (em percentagem)	Exportações de Portugal			Procura Externa ¹			Quota de Mercado		
	2001	2002	2003	2001	2002	2003	2001	2002	2003
<i>do qual:</i>									
Reino Unido	-2,0	4,8	2,4	0,5	-2,0	-5,8	-2,5	6,9	8,7
EUA	0,9	2,1	1,9	-3,1	-3,5	-9,9	4,2	5,8	13,1
<i>Por memória:</i>									
Total de Bens (t.v. Real)	1,8	2,3	5,7	1,0	0,7	4,0	0,8	1,5	1,5

Fonte: Banco de Portugal

A evolução em sentidos opostos das exportações e das importações reflectiu-se numa contribuição positiva da procura externa para o PIB (1,5 p.p.) em continuidade com o que se verificou em 2002 permitindo compensar parcialmente o contributo negativo da procura interna.

A notificação do Procedimento dos Défices Excessivos (PDE) de Fevereiro de 2004 certificou que o défice das administrações públicas, na óptica da contabilidade nacional, se situou em 2,8 % do PIB em 2003 (mais 0,1 p.p. que no ano anterior). No entanto, tal como em 2002, o cumprimento do objectivo de um défice inferior ao valor de referência de 3% do PIB exigiu um conjunto de medidas extraordinárias muito significativo. Assim, num contexto de recessão económica e apesar do esforço de consolidação realizado, as medidas temporárias aumentaram de cerca de 1,4% do PIB, em 2002, para 2,5%, em 2003. Este último valor inclui a receita arrecadada no dia 3 de Janeiro de 2003, no âmbito do programa de regularização de dívidas fiscais (197,3 milhões de euros).

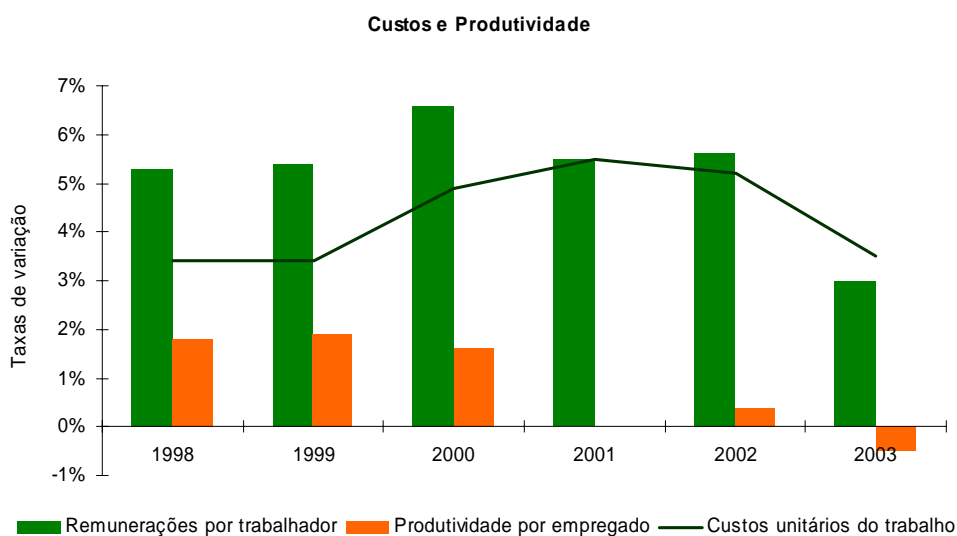
Efectivamente, o défice das administrações públicas corrigido de medidas temporárias aumentou de 4,1% do PIB, em 2002, para 5,3% do PIB, em 2003. Tal deveu-se, em larga medida, ao efeito da redução da actividade económica, que se traduziu num aumento da componente cíclica do défice de aproximadamente 1,4 p.p. do PIB, em 2003.

Emprego e Salários

O mercado de trabalho português caracterizou-se por uma diminuição do emprego total de 0,8% e por um aumento da taxa de desemprego de 5,1% em 2002 para 6,4% em 2003, impulsionada pela contracção da actividade económica. A contracção do emprego foi ligeiramente inferior à do PIB, resultando assim, numa queda da produtividade por trabalhador após dois anos de crescimentos muito modestos. Todavia, a produtividade por hora trabalhada, apesar de desacelerar em 2003, cresceu 2,0%.

O desempenho desfavorável da produtividade impediu, contudo, um superior abrandamento dos custos unitários de trabalho que apresentaram um crescimento acima da média da área euro, em 1,25 p.p, um diferencial excessivo na conjuntura actual e com efeitos adversos na competitividade da economia nacional.

Gráfico ... - Custos de Trabalho Unitários no Total da Economia



Fonte: Banco de Portugal

A taxa de variação nominal dos salários recebidos ascendeu a 3,0%, sendo inferior à inflação reflectindo-se, deste modo, numa queda dos salários reais (0,4%). Considerando apenas o sector empresarial, os salários aumentaram 3,4% representando uma estagnação dos salários reais. O diferencial de crescimento dos salários do sector privado e do conjunto da economia é explicado pela evolução dos salários nas administrações públicas que pelo segundo ano consecutivo registaram uma forte moderação na actualização da tabela de vencimentos.

Relativamente ao emprego, a queda de 0,8% oculta uma criação líquida de emprego nos serviços e uma destruição líquida nos restantes sectores de actividade. Enquanto na Administração Pública, Educação e Saúde e nos Outros Serviços o emprego aumentou 0,7% e 0,4%, respectivamente, na Construção o emprego caiu 3,9% na Indústria Transformadora diminuiu 2,3% e na Agricultura e Pescas a perda líquida terá sido de 0,6%. Adicionalmente, assistiu-se a um aumento do emprego temporário em todos os sectores de actividade, sobretudo nos serviços e a uma diminuição do emprego permanente na generalidade dos sectores com particular destaque para a Indústria Transformadora e a Construção.

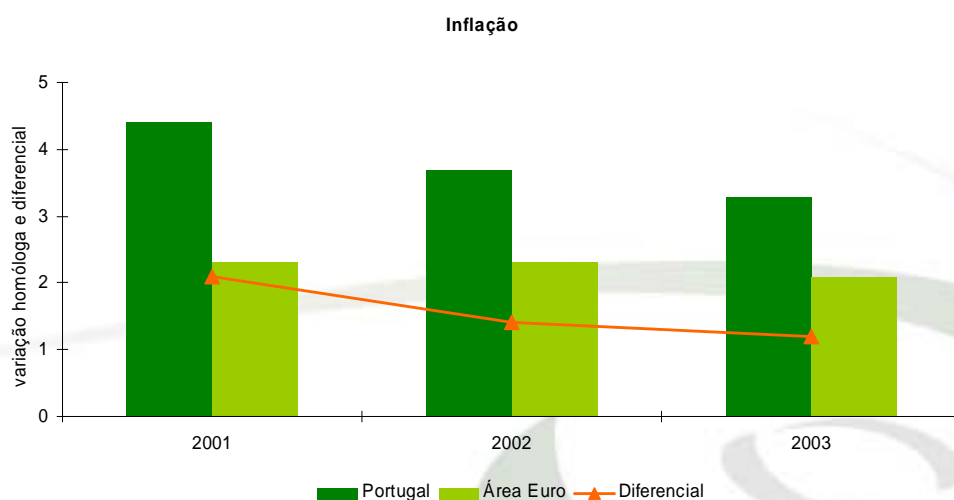
Paralelamente à redução do número total de trabalhadores total verificou-se uma quebra significativa (2,5%) do número médio semanal de horas de trabalho efectivas, o que pode estar associado a uma menor utilização de horas extraordinárias na fase descendente do ciclo económico, e ao crescente aumento de peso do sector terciário que é frequentemente acompanhada pela diminuição do horário de trabalho tendencialmente menos extenso que no sector primário e secundário.

Preços

A inflação média anual, medida com base no Índice de Preços no Consumidor (IPC), reduziu-se de 3,6 por cento, em 2002, para 3,3 por cento, em 2003. Foram diversos os factores explicativos do abrandamento dos preços, nomeadamente, a contracção da actividade económica que contribuiu para a diminuição das pressões da procura sobre os preços, em especial, no sector dos serviços; os salários, quer do sector público quer do sector privado que desaceleraram de forma significativa num contexto de deterioração da situação no mercado de trabalho. Igualmente, a evolução dos preços dos bens importados favoreceu também a diminuição da inflação.

Deste modo, a descida da inflação traduziu-se numa redução do diferencial relativamente ao conjunto dos países da área euro, considerando a variação média anual do IHPC, o diferencial de inflação foi de 1,2 p.p. em 2003 (menos 0,2 p.p. que em 2002). Se excluirmos os bens alimentares não transformados e os energéticos, a redução do diferencial é ainda superior (de 2,5 p.p. para 0,4 p.p.)

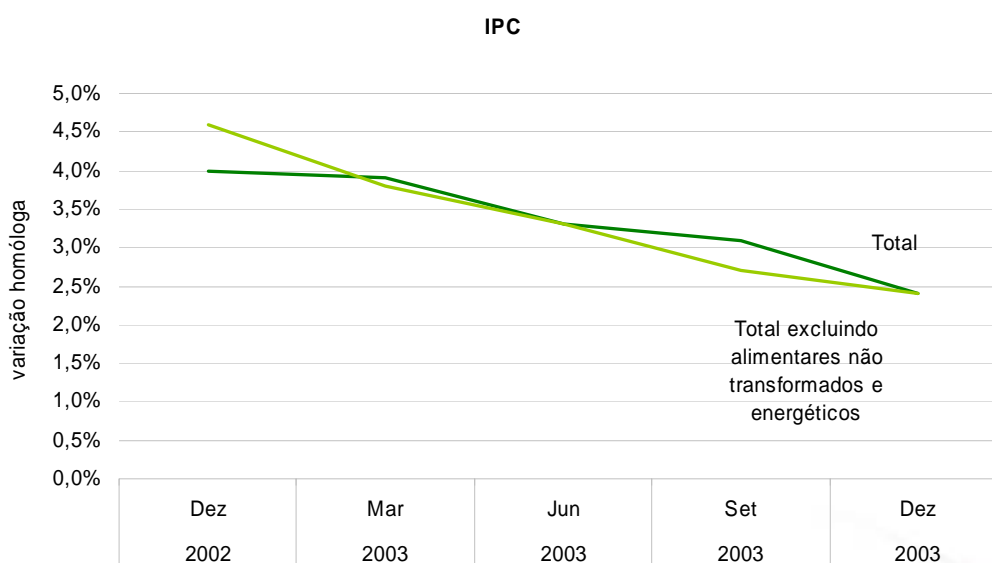
Gráfico ... – Diferencial de Inflação entre Portugal e Área Euro



Fonte: Eurostat

Em termos intra-anuais, a taxa de variação homóloga continuou o perfil de aceleração de 2002 até Fevereiro tendo, de seguida, iniciado uma trajectória descendente particularmente marcada no segundo semestre de 2003. Para esta evolução contribuíram factores específicos associados à dissipação dos efeitos que levaram ao aumento da inflação em 2002, nomeadamente, o processo de conversão de euros em escudos e o aumento da taxa normal do IVA. Em sentido inverso, verificou-se uma aceleração dos preços dos bens energéticos no primeiro trimestre e um elevado aumento da taxa de variação dos preços dos produtos alimentares não transformados nos primeiros três trimestres de 2003. Deste modo a trajectória descendente da inflação, ao longo de 2003, teria sido ainda mais acentuada se excluíssemos o comportamento destes bens mais voláteis.

Gráfico ... - Índice de Preços no Consumidor



Fonte: INE e Banco de Portugal

Competitividade

A conjuntura recessiva que se fez sentir ao longo de 2003 teve impacto no Indicador de Competitividade calculado pelo Institute for Management Development. Deste modo, Portugal desceu da posição 20 para a 25 no ranking dos países com menos de 20 milhões de habitantes num total de 29 economias. Na base desta redução estiveram os factores de competitividade

associados ao desempenho económico e eficiência empresarial com quedas de 6 posições e 7 posições respectivamente e, adicionalmente o indicador relativo às infra-estruturas onde Portugal caiu 5 posições. Ressalva-se o indicador de eficácia do Governo, onde Portugal está colocado na 16ª posição tal como em 2002.

Quadro ... Performance Geral de Portugal

Ano	Classificação
1999	17
2000	17
2001	20
2002	20
2003	25

Fonte: IMD

Produtividade

De acordo com as estimativas do Eurostat o diferencial de produtividade da economia nacional face à U.E. deverá aumentar em 2003 interrompendo, assim, o processo de convergência gradual verificado desde 1994. A produtividade nacional caiu 0,8 p.p. quando comparada com a média comunitária sendo apontadas como principais barreiras ao aumento da produtividade nacional, a economia paralela, a regulamentação de produtos e de mercados, o sistema de ordenamento do território, a provisão de serviços públicos e a legislação laboral.

Quadro ... Produtividade por Pessoa Empregada (U.E. 15 = 100)²

	1998	1999	2000	2001	2002	2003
U.E. 25	91	92	92	93	93	93,3 (e)
U.E. 15	100	100	100	100	100	100,0 (e)
Área Euro	103	103	103	102	101	101,0 (e)
Bélgica	117	117	118	119	119	120,4 (e)
República Checa	-	-	56	57	57,7 (e)	60,7 (e)
Dinamarca	95	97	98	99	97,2 (e)	99,0 (e)
Alemanha	98	97	96	95	94,9 (e)	95,5 (e)
Estónia	36	37	40	42	42,8 (e)	43,7 (e)
Grécia	78	80	82	85	89,4 (e)	91,4 (e)
Espanha	94	95	94	94	95,7 (e)	96,0 (e)

² Utiliza o PIB expresso à Paridade de Poder de Compra (PPC) – taxas de câmbio teóricas que visam eliminar as distorções provocadas pelos diferentes níveis de preços entre os países.

	1998	1999	2000	2001	2002	2003
França	116	116	115	116	115,7 (e)	115,1 (e)
Irlanda	111	113	115	116	124,3 (e)	118,6 (e)
Itália	114	113	112	110	106,5 (e)	104,9 (e)
Chipre	75	76	78	80,1 (e)	78,1 (e)	78,0 (e)
Letónia	32	33	36	37	38,6 (e)	40,6 (e)
Lituânia	33	32	34	38	43,6 (e)	44,9 (e)
Luxemburgo	135	143	146	137	132,0 (e)	131,1 (e)
Hungria	57	56	58	61	62,7 (e)	63,6 (e)
Malta	-	88	85	81	80,5 (e)	82,5 (e)
Holanda	96	95	96	98	96,6 (e)	96,1 (e)
Aústria	98	99	100	99	98,4 (e)	98,4 (e)
Polónia	43	46	48	48	49	50,2 (e)
Portugal	63	64,6 (e)	64,7 (e)	64,8 (e)	65,0 (e)	64,2 (e)
Eslovénia	65	67	66	68	69,4 (e)	70,6 (e)
Eslováquia	48	49	52	53	56,3 (e)	54,8 (e)
Finlândia	104	102	104	103	100,5 (e)	99,8 (e)
Suécia	98	100	101	97	96,2 (e)	97,6 (e)
Reino Unido	90	90	92	93	95,5 (e)	96,2 (e)
Bulgária	27	28	30	31	31,2 (e)	30,6 (e)
Roménia	-	27	27	29	30,5 (e)	31,7 (e)
Turquia	37	34	37,6 (e)	33,7 (e)	35,8 (e)	36,4 (e)

Fonte: Eurostat; (e = estimativa)

2. A Indústria Têxtil e do Vestuário

2.1 A Indústria Têxtil e do Vestuário na U.E.

Enquadramento

Sem qualquer dúvida, em 2003, a fileira têxtil e do vestuário teve que enfrentar o ano mais difícil desde a crise de 1996 para vestuário e de 1993 para o sector têxtil. Nunca nos passados 15 anos o sector registou três anos de retrocessos significativos como no período de 2001 a 2003. A meados de 2004, ainda não são evidenciados sinais de retoma do sector, e a evolução das taxas de câmbio está a contribuir para uma variação desfavorável das exportações que são uma das variáveis impulsionadoras do crescimento no sector.

Enquanto as empresas têxteis registaram uma contracção da sua actividade de 3,5% face a 2002, no vestuário o cenário é mais pessimista tendo registado uma queda de 6,7% na produção apesar de, ao longo do ano, ter evidenciado sinais de recuperação. No entanto, contrariamente a 2002, a queda da produção nos 15 da U.E. não foi compensada pelo aumento da produção em volume em grande parte dos países da zona Pan-euro-mediterrânea. No vestuário, muitos países registaram mesmo quedas de dois dígitos, é o caso da França (-20,9%), da Bélgica (-17,7%), da Finlândia (-14,0), da Dinamarca (-18,5%) e da Alemanha (-11,0%).

A zona Euromed e a ITV europeia – in www.portugaltexil.com (21/4/2004)

O ano 2005 tornou-se uma verdadeira caixa de Pandora para a ITV europeia que, face ao imprevisível, tenta encontrar alternativas para minimizar o impacto da liberalização mundial do comércio de têxteis e de vestuário. A criação de uma zona Euro-Mediterrânica de livre comércio pretende responder à vontade de preservar a competitividade de uma indústria cuja base é a rapidez de resposta, e que representa, para alguns países, o principal sustento da sua economia e o principal produto de exportação.

A concretização, antes do início de 2005 de uma área Euro-Mediterrânica de livre comércio está entre as medidas propostas pela Comissão Europeia para reforçar a competitividade do sector têxtil da União Europeia, tendo por base o argumento que os intervenientes europeus poderão beneficiar de uma região alargada para a produção e o comércio de têxteis e de vestuário,

beneficiando de um sistema administrativo comum e de normas de origem semelhantes.

De facto, os peritos não duvidam da necessidade de defender o espaço Euro-Mediterrânico em termos de têxteis como uma necessidade económica, social e geopolítica para enfrentar a eliminação das quotas após a entrada da China na OMC, numa tentativa de contrariar os factores que favorecem a concentração da produção na Ásia, o que implica uma situação difícil para os países mediterrânicos. Por outro lado, tendo em conta o rápido ritmo de crescimento das exportações asiáticas, há quem defenda que a criação deste espaço chega demasiado tarde pelo que dificilmente o Euromed poderá conter o impacto asiático.

A importância que a zona Euro-Mediterrânica possui para a UE é evidente, na medida em que, de acordo com os cálculos da EURATEX, representa 6,7 milhões de postos de trabalho e uma facturação de 245 mil milhões de euros, sendo a ITV uma indústria chave para o equilíbrio sócio-económico do espaço composto pela UE e pelos países do Mediterrâneo.

Com a criação do Euromed pretende-se construir um espaço económico no qual os produtos possam ser fabricados, transaccionados e vendidos ao consumidor final sem qualquer entrave ou limitação, como se estivessem integrados num mercado único, o qual deveria representar um importante impulso à cooperação entre as empresas e os investimentos externos.

No entanto, de acordo com a opinião de Pascal Morand, director geral do *Instut Français de la Mode* (IFM), e de Michel Fouquin, director adjunto do *Centre D'Etudes Prospectives et D'Informations Internationales* (CEPII), a única forma de tornar real a zona Euro-Mediterrânica, é mantendo os direitos alfandegários europeus relativamente ao resto do mundo.

A zona Euromed é composta por 42 países, 25 dos quais compõem a União Europeia alargada, incluindo-se ainda os países da EFTA (Islândia, Liechtenstein, Noruega e Suíça), Bulgária, Roménia, Turquia, os países do Magreb e do Próximo Oriente (Jordânia, Líbano, Síria, Israel e a Autoridade Nacional Palestina). O Euromed tem por base a proximidade geográfica e a interdependência das suas economias, favorecendo a flexibilidade da cadeia logística integrada, o investimento e a estabilidade do emprego.

Esta zona poderá significar uma vantagem competitiva em termos de rapidez relativamente ao crescimento previsível das importações asiáticas, devido à eliminação das quotas em 2005. De facto, o reagrupamento regional surge como a melhor alternativa contra os efeitos da globalização. O aproveitamento das vantagens competitivas associadas com a proximidade geográfica e a afinidade cultural representa uma forma fundamental para a competitividade no

mercado global.

Com base neste pressuposto, são cada vez mais numerosas as zonas que apresentam acordos comerciais bilaterais. A UE optou pela realização de acordos comerciais com os países do Norte de África, encontrando-se em negociação com o bloco do Mercosur e com o México, enquanto os EUA assinaram acordos de livre comércio com países do Médio Oriente e da África do Norte.

A eliminação das quotas em 2005 acaba com a possibilidade de alguns países da zona Sul do Mediterrâneo de organizarem as suas exportações e importações com base nos acordos de tratamento preferencial que mantêm com a UE, que possuem diferentes regras de origem preferenciais e vantagens alfandegárias. Cerca de 50% das importações de têxteis e de vestuário entram na UE com custos tarifários preferenciais ou com valor zero. Com a eliminação do ATC, países como Marrocos ou Tunísia vão enfrentar concorrentes que, até ao momento, estavam limitados pelo sistema de quotas. Por esta razão, estes países tornaram-se nos principais defensores do espaço Euromed numa tentativa de manter a sobrevivência das suas indústrias.

Mas a concretização da zona Euromed para o sector têxtil e de vestuário, que sem dúvida apresenta vantagens apesar de não garantir a protecção defensiva que se pretende, passa pela negociação sobre a acumulação de regras de origem com o objectivo de que possam ser exploradas as vantagens competitivas naturais destas zonas.

As regras de origem permitem determinar qual a política comercial ou qual a tarifa aplicável a um produto têxtil ou de vestuário em função da origem das matérias-primas que o compõem e do número de transformações a que é sujeito num ou noutro país. Quando um número suficiente de etapas de transformação é realizado em determinados países, as regras de origem preferencial implicam a redução ou a eliminação dos direitos alfandegários destes artigos, quando entram no mercado da UE.

O âmbito das regras de acumulação de origem preferencial, que abre a via a uma integração económica, foi ratificado em Julho de 2003 em Palermo pelos ministros do comércio da zona Euromed.

A primeira fase inclui a proposta anterior a 2005 de realização de acordos bilaterais entre os países que não fazem parte da zona de acumulação de origens e que não possuem tratamento preferencial entre si, na medida em que a UE já possui acordos bilaterais com todos os países da área mediterrânica para a livre circulação ou acordos preferenciais. A segunda fase consiste em harmonizar as regras de funcionamento para conseguir que a área seja realmente concretizada.

No que se refere à primeira fase, deve-se destacar que Marrocos, Tunísia, Jordânia e Egipto já adoptaram o princípio de acumulação de origem através do Acordo de Agadir, apesar de ainda se encontrar pendente um acordo com a Turquia, um dos principais concorrentes dos países do Magreb, em que o têxtil e o vestuário são sectores fundamentais da economia.

A harmonização das regras de origem colocará um fim à proliferação anárquica das relações preferenciais da UE, permitindo que desapareçam disparidades em proveito do princípio da acumulação diagonal, favorável ao fornecimento de vestuário para a fileira europeia. Neste sentido, o Euromed aparece como a única alternativa viável para o conjunto dos países que o compõem, na medida em que irá permitir localizar-se de uma forma estratégica no novo plano mundial e explorar as vantagens e sinergias que este espaço oferece à indústria. Isto significa que os produtos poderão circular livremente para sofrer transformações através de toda a zona abrangida, conservando a sua origem preferencial e beneficiando da isenção de direitos alfandegários.

De acordo com Víctor Fabregat, director do *Centro de Información Textil y de la Confección* (Cityc), a harmonização exige um controlo rigoroso das declarações de origem e sistemas alfandegários flexíveis, tendo em conta que o tempo é uma variável decisiva na moda. Fabregat refere ainda que a zona Euro-Mediterrânica está planeada com o objectivo de reforçar a competitividade interna e combater a entrada de produtos finais chineses, acrescentando que o tempo e a proximidade geográfica são fundamentais para uma indústria que aposta no circuito curto e na rapidez de resposta para competir.

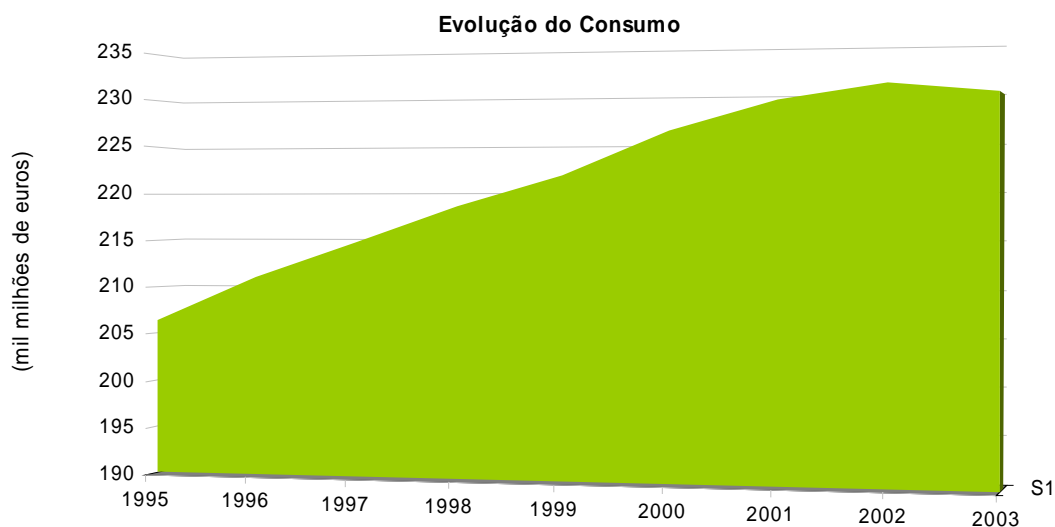
De acordo com o director do Cityc, o Euromed também possui pontos frágeis como o controlo das fronteiras terrestres, relativamente ao contrabando que ocorre de forma significativa na fronteira entre a Rússia e a Ásia. Outro elemento desfavorável é o facto de muitas economias da zona Mediterrânica estarem ligadas ao dólar, quando teria mais lógica, dado o volume de negócios com a Europa, estarem ligados ao euro. Para além destes factos existe ainda a necessidade de aproximar a legislação, normas, regulamentações técnicas e os procedimentos de avaliação de conformidade.

A fileira têxtil e do vestuário registou um ligeiro aumento nos preços da produção (+0,2%). A débil situação económica conjugada com uma moeda forte explica a estagnação dos preços no sector. Todavia o aumento dos preços no vestuário (+0,9%) foi muito superior ao registado pela indústria

têxtil como um todo (0,1%). Em alguns Estados Membros verificaram-se situações de deflação nos preços de produção de ambos os sectores como por exemplo na Bélgica e na Áustria.

Pela primeira vez em oito anos, o consumo de artigos de vestuário caiu em termos reais (-1,1%), enquanto que o consumo de têxteis lar se manteve próximo da estagnação (-0,5%). Contudo, a evolução deste indicador divergiu dependendo do país membro em questão. Com excepção da Irlanda e do Reino Unido onde os agregados familiares mantiveram um nível de consumo elevado (+5,0%), nos restantes Estados Membros o consumo cresceu a uma taxa inferior à de 2002. A Holanda e Portugal enfrentaram as piores situações com taxas de queda de 3,5% e 7,0%, respectivamente.

Gráfico ... Consumo de Têxtil e Vestuário em Valor da U.E.

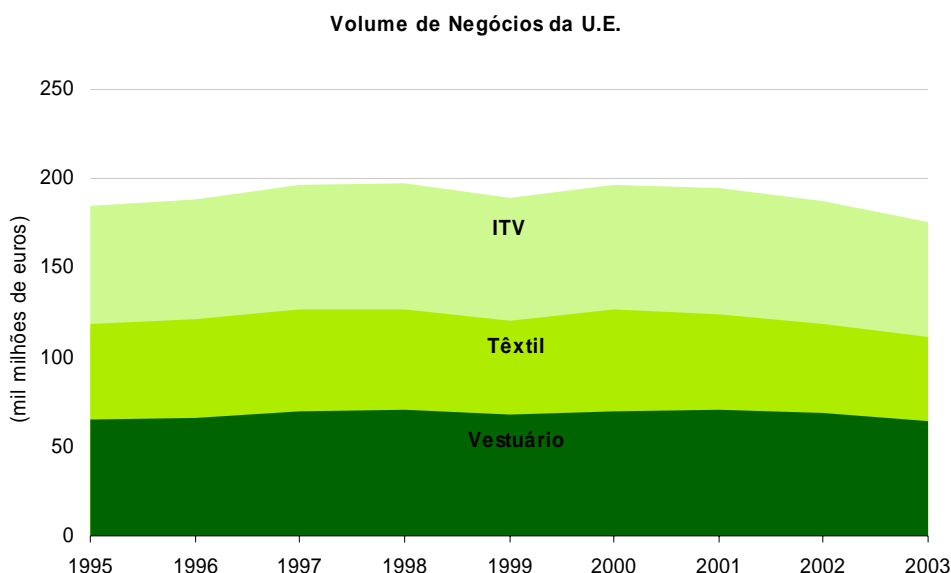


Fonte: Euratex, valores excluindo IVA

Os preços no consumidor dos artigos de vestuário estagnaram pelo segundo ano consecutivo. Como usual, as maiores quebras foram registadas pelo Reino Unido (-4,2%), pela Irlanda (-3,8%) e pela Holanda (-3,5%), parcialmente compensadas pela relativa estabilidade dos preços na Finlândia, na Áustria, na Suécia e na França e pelos aumentos substanciais na Espanha (+4,0%), Grécia (3,0%) e Itália (2,0%).

A queda da produção conjugada com a estagnação da procura doméstica, a evolução desfavorável da taxa de câmbio do euro face ao USD e o aumento dos custos de produção determinaram a contracção do volume de negócios das empresas da fileira. O sector têxtil registou a maior contracção (-6,5%) reflectindo a queda do consumo dos bens intermediários na U.E. 15 e as dificuldades que os industriais tiveram que enfrentar se queriam exportar. No vestuário a queda foi de 5,8% sendo este o pior resultado desde o Acordo sobre Têxteis e Vestuário. Os produtores de fibras artificiais tiveram de fazer face à queda dos preços e a forte contracção da procura conduzindo a uma queda do volume de negócios para valores próximos dos de 1999 e 2001.

Gráfico ...Volume de Negócios da Indústria Têxtil e do Vestuário



Fonte: Euratex

Pelo terceiro ano consecutivo o investimento esteve em queda, em 2003 caiu 10,5%. Este resultado é semelhante aos verificados em 2001 (-13,4%) e em 2002 (-11,2%), no entanto, ao contrário de 2002 a maior queda foi verificado no equipamento têxtil (excluindo as fibras) tendo-se fixado em -12,0%. No vestuário a redução do investimento apesar de significativa (7,3%) foi inferior à verificada em 2002. A meados de 2004 ainda não se evidenciam sinais de inversão da tendência devido à débil situação económica e à transferência de grande parte da produção para a zona Pan-euro-mediterrânea. Assim, as intenções de investimento têm que ser bem analisadas sendo previsível que a indústria estabilize o investimento no presente nível.

A recessão do sector levou a uma queda do emprego, ao longo dos 12 meses do ano 113.044 empregos foram extintos na indústria comunitária, menos 5,6% que em 2002. No sector têxtil, com

excepção da Suécia, os restantes Estados Membros registaram quedas no emprego, contudo, em termos médios o emprego caiu 5,2%. No vestuário, a queda média de 6,1% mas ocultou variações elevadas, em particular na Irlanda, Reino Unido, Alemanha, Portugal, Bélgica e Finlândia onde o emprego variou no intervalo {6,3%;17%}.

Quadro ... - Indicadores Relativos à ITV na U.E.

U.E. 15	Têxtil		Vestuário	
	2003	Var 03/02	2003	Var 03/02
Emprego	1.047.603	-5,2%	847.402	-6,1%
Empresas	34.082	-3,8%	64.184	-4,9%
Volume de Negócios (milhões de euros)	111.330	-6,5%	63.022	-5,8%
Investimento (milhões de euros)	4.137	-11,2%	931	-7,3%

Fonte: Euratex

Os membros da Euratex verificaram um aumento do custo do trabalho no sector têxtil e do vestuário semelhante à verificada em anos anteriores. Enquanto que nos EUA e no Japão este indicador caiu 1,5% no primeiro e 3,7% no segundo, os países membros da Euratex registaram um aumento de 3,0%.

Apesar da procura externa ainda desempenhar um papel determinante e crescente na actividade industrial, já não é uma variável impulsionadora tal como foi em 2000 e 2001. Efectivamente, no sector como um todo, as exportações em valor caíram pelo segundo ano consecutivo (-1,5%) contrariamente às importações que aumentaram 1,3%. A situação evoluiu de forma distinta nos diferentes grupos de produtos sendo de destacar as importações de têxteis e especialmente de fibras que caíram, respectivamente, 4% e 11%, ao passo que as exportações destes produtos também registaram quedas de 3,6% e 2,8%, respectivamente. No vestuário as exportações cresceram 1,4% e as importações 3,2%. Neste contexto a balança comercial deteriorou-se em valor 5,2%, e 15,5% em volume reflectindo uma queda dos preços de 6,2%.

A posição da China após liberalização das quotas de 2002

A China consolida, ano após ano, a sua posição no mercado internacional conquistando quotas de mercado aos maiores parceiros mundiais, mesmo no mercado intra-comunitário. Com olhos

postos na U.E., a China é actualmente a maior fornecedora de têxteis (2,4 mil milhões de euros) e de vestuário (10,8 mil milhões de euros).

Quando comparada a evolução do comércio chinês de têxteis e do vestuário em valor com a evolução do resto do mundo verificamos que as importações comunitárias de produtos têxteis do resto do mundo registaram uma queda semelhante a 2002 (-6,5%), enquanto que as originárias da China aumentaram 6,0%. Analogamente, as compras de vestuário com origem no resto do mundo caíram 2,2% ao passo que as vendas chinesas aumentaram 9,2%.

Tendencialmente a China tem ganho quota no mercado da U.E., em 1995 tinha uma quota de 7,9% e 12,8% nas importações totais de têxteis e vestuário, respectivamente. Actualmente a China representa 13,9% nos têxteis e 20,4% no vestuário. Adicionalmente, refira-se que enquanto entre 1995 e 2003 as importações comunitárias de têxteis do resto do mundo aumentaram 35%, as entradas da China aumentaram 138%. No vestuário, as importações da U.E. aumentaram 83% que compara com os 191% registados nas importações originárias da China.

A consequência mais alarmante desta tendência é o efeito preço especialmente nas categorias liberalizadas como se verifica no quadro ... em particular os pijamas de malha, o vestuário para bebé e a roupa interior de malha.

Quadro ... - Evolução dos Preços por Categorias Liberalizadas - 2003

Categorias Liberalizadas	Preço Relativo dos Produtos Chineses ³	
	(Dez. 02)	(Dez. 03)
Luvas	0,80	0,88
Roupa Interior de malha	0,97	0,85
Lenços	0,72	0,70
Anoraks	0,73	0,78
Pijamas em malha	0,94	0,78
Vestuário de bebé	0,96	0,85
Fatos de desporto	0,86	0,81
Roupa de trabalho	0,66	0,65

Fonte: Euratex

Relativamente às quotas, se comparamos com 2002 verificamos que a China ganhou quota em todas as categorias liberalizadas em 2002 sendo de destacar os anoraks e os fatos de desporto

³ Preço relativo dos produtos chineses: indica o diferencial de preço dos produtos chineses face ao preço médio mundial. Um valor 1,00 indica que o preço dos produtos chineses é igual ao preço médio mundial; um valor inferior a 1,00 indica que os preços chineses são relativamente mais baratos; um valor superior a 1,00 indicia que os produtos chineses são relativamente mais caros. Preços CIF, incluindo o valor das quotas.

com aumentos de 14,3 p.p. e 9,8 p.p., respectivamente. Durante este segundo ano de liberalização nenhuma das quotas de mercado evidenciou sinais de estagnação ou recuo, aliás em algumas categorias a China tem já quotas superiores a 50% podendo estabelecer-se uma ligação directa entre a liberalização e os ganhos de quota de mercado.

Quadro ... - Evolução das Quotas por Categorias Liberalizadas - 2003

Categorias Liberalizadas	Quota (Dez. 03)	Var. 03/02
Luvas	39,5%	3,1 p.p.
Roupa Interior de malha	35,4%	3,8 p.p.
Lenços	43,6%	9,7 p.p.
Anoraks	58,9%	14,3 p.p.
Pijamas em malha	28,2%	5,9 p.p.
Vestuário de bebé	51,4%	5,5 p.p.
Fatos de desporto	54,5%	9,8 p.p.
Roupa de trabalho	19,6%	6,0 p.p.

Ponto de Situação em 2004- in www.portugaltexil.com (26/11/2004)

Com a abolição das quotas a pouco mais um mês de distância algumas questões têm sido levantadas acerca do impacto na Indústria Têxtil e do Vestuário protegida ao longo de aproximadamente 40 anos. Como é que as pequenas economias serão afectadas? Quem serão os vencedores e os perdedores? Qual será a orientação das políticas comerciais? Que estratégia deverão os governos e empresários adoptar para assegurar o continuo crescimento das exportações da ITV?

Torna-se assim relevante analisar os fluxos dos produtos que ainda estão sujeitos a quotas para a U.E. a fim de avaliar o impacto do processo de liberalização e os possíveis cenários no pós Janeiro de 2005. De acordo com as informações da Comunidade Europeia, relativas ao período compreendido entre Janeiro e meados de Novembro de 2004, as importações comunitárias mantiveram-se fortes reflectindo-se na saturação das quotas impostas em alguns produtos, nomeadamente de vestuário.

Categoria 4 (t-shirts e camisolas interiores)

Na categoria 4 que engloba as t-shirts e as camisolas interiores a Índia esgotou a sua quota inicial de mais de 100 milhões de peças tendo atingido em 26 de Novembro 102,2% da quota que compara com os 121% registados no cômputo de 2003.

À semelhança da Índia, o Paquistão já exportou para a U.E. o equivalente a 106,57% da quota inicial, valor este que é ainda mais expressivo se tivermos em consideração que o Paquistão obteve um aumento significativo nas quotas das categorias 4, 5 e 20 mediante negociações bilaterais.

Em contraste, a China evidenciou sinais de moderação a que não é alheio o facto da quota deste

gigante ter sido aumentada em 53,1%. Assim foi exportado até finais de Novembro o correspondente a 82% da quota, representando, contudo, um crescimento de 25,37% face ao total do ano transacto.

Categoria 5 (pulôveres e anoraques)

Tal como em 2003, a Indonésia já esgotou a quota de exportação de pulôveres para a U.E. com um nível de exportação equivalente neste momento, a 106,67% da restrição quantitativa. Refira-se que no ano transacto a utilização da quota ascendeu a 118,35%.

Os pulôveres filipinos também atingiram rapidamente o limite máximo, aliás, os dados disponibilizados pela Comissão em 26 de Novembro apontavam para um volume de exportações superior em 1,08% à quota.

Por fim, mantendo a tendência iniciada em 2002 segundo a qual o Paquistão tem ultrapassado o limite acordado nesta categoria de produtos, 2004 não será excepção. Foram exportadas para a U.E. 15,3 milhões de unidades sendo equivalentes a 103,06% da quota.

Categoria 15 (casacos e blazers de senhora)

Apesar de abaixo do limite máximo, são vários os países que se encontram muito próximos da saturação das quotas. O Vietname é disso exemplo, com um aumento de 20% da restrição quantitativa face ao ano anterior, já exportou para a U.E. 98,27% da quota de 2004.

Destaca-se ainda a China, que em 2003 exportou para a U.E. 106,7% da quota e está de novo próxima do limite. Os fluxos deste ano totalizaram até à data 96,38% da restrição quantitativa o que aliado ao facto de a quota chinesa ter sido aumentada em 15,4% é sintomático da capacidade de exportação deste mercado.

Em suma, de acordo com esta análise constata-se que os limites máximos impostos pela União Europeia já foram ultrapassadas ou estão muito próximas de o ser nas categorias de produtos mais sensíveis com destaque para os mercados chinês e indiano que já preencheram as suas quotas num grande número de produtos, evidenciando sinais claros de que serão os mais beneficiados com a liberalização. Resta referir que o Paquistão é outro país competitivo nos mercados europeus, não só no vestuário, mas também para as categorias de têxteis-lar (9 e 20) podendo, deste modo, também sair beneficiado com a abolição das quotas de Janeiro de 2005.

Associações da ITV europeia apoiam a Declaração de Istambul – in www.portugaltexil.com (23/3/2004)

O esforço associativo para a extensão do período para a eliminação das quotas alfandegárias de têxteis e de vestuário, encabeçado pelas norte-americanas ATMI e AMTAC e pela turca ITKIB, sendo depois engrossado pela CANAINTEX, câmara de comércio têxtil do México, está a atrair novas associações para se unirem contra o eventual controlo monopolista do comércio mundial de têxteis e de vestuário após a eliminação das quotas no dia 1 de Janeiro de 2005. O movimento associativo assinou a denominada «Declaração de Istambul», que defende a permanência do regime de quotas até 2008, ou o desenvolvimento de um sistema alternativo apropriado, e requer à OMC a realização de uma reunião de emergência, até ao dia 1 de Julho, para reavaliar a

proposta de eliminação de quotas.

Depois da CANAINTEX ter assinado a «Declaração de Istambul», associações têxteis e comerciais de 13 nações africanas juntaram-se ao movimento, após a apresentação da ATMI na Conferência Sub-Saariana de Têxteis e de Vestuário, realizada no dia 10 de Março. Entre os países africanos contam-se a Costa do Marfim, Madagáscar, Senegal, Lesoto, Botswana, Quênia, Maurícias, África do Sul, Suazilândia, Namíbia, Ghana, Tanzânia e Zâmbia. Para além dos países africanos, diversas associações europeias assinaram a declaração, nomeadamente as italianas AIIFTA (associação italiana da indústria têxtil e de vestuário) e ATI (associação têxtil italiana), a belga EuroCotton (comité europeu do algodão e das indústrias têxteis associadas) e a austríaca Die Textilindustrie.

De acordo com o comunicado de imprensa da ITKIB USA, o apoio das associações têxteis europeias à «Declaração de Istambul» assinala a crescente campanha para evitar o domínio dos têxteis e do vestuário à escala mundial por apenas alguns países que, de acordo com a Declaração, recorreram a práticas comerciais ilegais para obterem vantagem competitiva.

Para além de apoiarem a Declaração, as associações europeias focaram a necessidade da OMC começar a actuar imediatamente sobre as diversas práticas comerciais ilícitas utilizadas pela China, que incluem a manipulação da moeda, subsídios governamentais, benefícios tarifários ilegais e a proliferação de empréstimos não-executados por bancos controlados pelo Governo chinês. De acordo com as associações europeias, estas práticas comerciais possibilitaram que a China obtenha uma posição asfíxiante no mercado mundial do comércio de têxteis e de vestuário.

Os signatários da «Declaração de Istambul» possuem uma opinião divergente relativamente à eliminação das quotas aplicadas aos têxteis e ao vestuário, em 2005. De acordo com a posição defendida, os signatários defendem que o panorama comercial mundial modificou-se desde que o acordo de eliminação de quotas foi aprovado em 1995, defendendo uma completa revisão do panorama do comércio de têxteis e de vestuário. Entre as situações que alteraram a perspectiva de 1995, a principal foi a entrada da China na OMC em 2002, situação que não havia sido ponderada na data de assinatura do acordo. Fazendo referência a estudos existentes sobre o panorama têxtil mundial, as diversas associações referem que o objectivo inicial de beneficiar os produtores de têxteis ao nível global, foi desvirtuado, tendo a China modificado de forma significativa o padrão provável de evolução dos acontecimentos. Tendo por base esta perspectiva, as Associações defendem que o processo de eliminação de quotas deve ser revisto e alargado no âmbito da OMC, de forma a reavaliar as implicações sobre a produção mundial de têxteis.

Apesar dos esforços que a ATMI e a AMTAC têm vindo a desenvolver, entre os quais se encontra a actual medida de constituir uma aliança ao nível mundial, ainda não se verificaram alterações na posição dos EUA relativamente à data de 2005, com o representante norte-americano do comércio, Robert B. Zoellick, a assegurar perante a OMC o apoio dos EUA à eliminação de quotas de 2005.

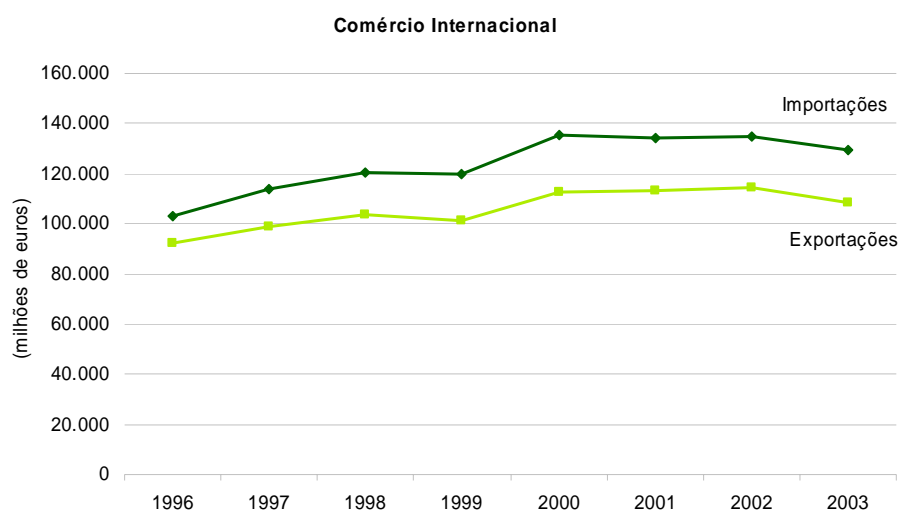
Relativamente à posição da UE, a Comissão Europeia emitiu este mês um comunicado à OMC, onde notifica que a partir do dia 1 de Janeiro de 2005, a UE irá integrar no GATT 1994, todos os artigos têxteis e de vestuário abrangidos pelo ATC (*Agreement on Textiles and Clothing*), que ainda não foram integrados nas primeiras três fases de integração no ATC. O comunicado refere ainda que a partir desta data, a UE vai eliminar todas as restantes restrições aos produtos abrangidos pelo ATC.

Comércio Internacional na U.E.

À semelhança do que se vem verificando nos últimos anos, as importações e exportações comunitárias evoluíram de forma quase paralela, todavia, as exportações caíram a um ritmo superior às importações. A U.E. tem uma Balança Comercial deficitária nesta categoria de produtos agravada pela evolução patenteada em 2003 (variação de +3,3%).

De acordo com o Eurostat⁴, as exportações comunitárias ascenderam a 108.644 milhões de euros que compara com os 114.253⁵ registados em 2002. As importações também registaram uma contracção tendo-se fixado em 129.675 milhões de euros (menos 3,7% que no ano anterior).

Gráfico ... - Evolução das exportações e Importações da ITV na U.E.



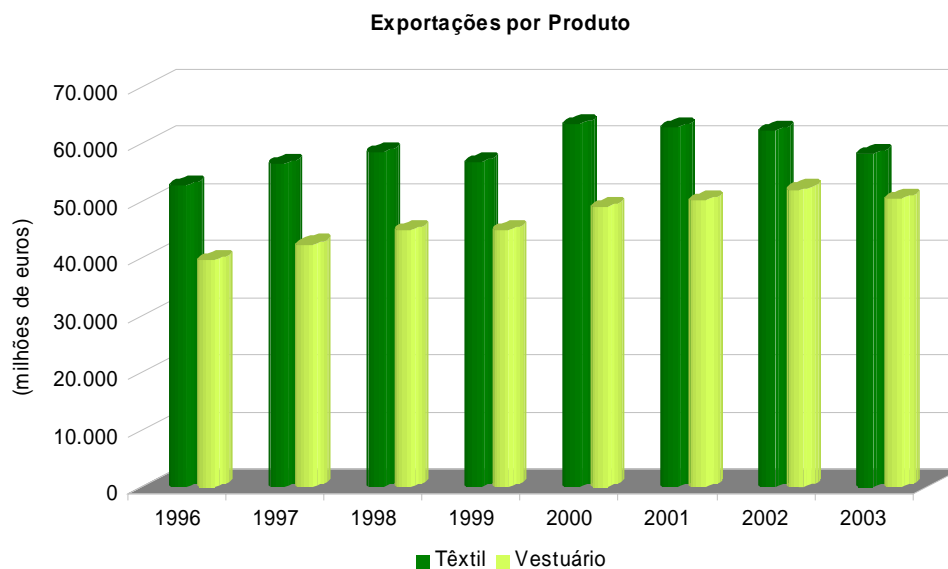
Fonte: Eurostat

Desagregando a análise nos dois sectores principais verificamos que, se por um lado o sector têxteis é predominante nas exportações comunitárias, nas importações, destaca-se o elevado peso do vestuário (62,2%). Nos últimos três anos o comércio internacional de produtos têxteis tem caído, em 2003, os 15 Estados Membros exportaram menos 8,5% que em 2000 e importaram menos 14,3%. Inversamente, no sector do vestuário registou-se um aumento quer ao nível das importações quer das exportações.

⁴ Os dados apresentados pelo Eurostat para 2003 são provisórios, podendo vir a sofrer acentuadas correcções

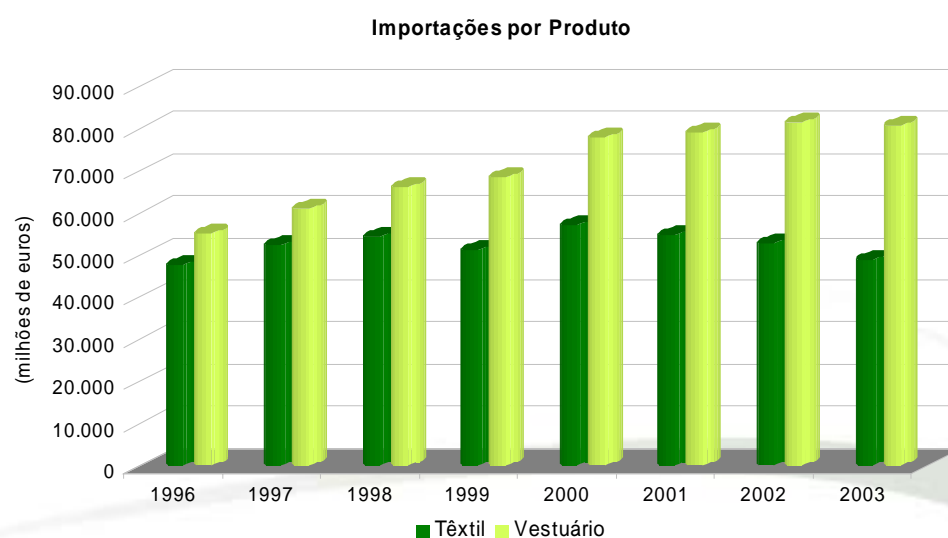
⁵ Este valor pode não coincidir com o apresentado no estudo "A Indústria Têxtil e do Vestuário em 2002" devido às correcções feitas pelo Eurostat

Gráfico ... - Exportações por produtos na U.E.



Fonte: Eurostat

Gráfico ... - Importações por produtos na U.E.



Fonte: Eurostat

Têxteis

O ranking dos principais mercados de destino de têxteis comunitários manteve-se relativamente constante face a 2002. Com efeito, a Alemanha continua a ocupar a primeira posição tendo absorvido 10,2% das saídas da U.E. num total de 5,2 mil milhões de euros. Merece referência o peso do mercado polaco, e sobretudo, do mercado romeno que para além de ocuparem posições relevantes no ranking dos principais destino, registaram, quando comparados com o ano anterior, aumentos significativos no peso relativo nas exportações.

Quadro ... - Dez Principais Destinos das Exportações de Têxteis da U.E.

País	Valor (000 EUR)	Peso Relativo 2003	Var. Peso Rel. 03/02
Alemanha	5.169.024	10,2%	-0,1 p.p.
França	4.109.747	8,1%	-0,6 p.p.
Itália	3.250.103	6,4%	-0,1 p.p.
Reino Unido	2.698.632	5,3%	-0,7 p.p.
Espanha	2.313.513	4,6%	0,1 p.p.
Roménia	2.016.836	4,0%	0,6 p.p.
Polónia	1.988.635	3,9%	0,1 p.p.
Bélgica	1.980.439	3,9%	-0,1 p.p.
Holanda	1.945.268	3,8%	-0,1 p.p.
EUA	1.944.972	3,8%	-0,2 p.p.

Fonte: Eurostat

Relativamente às origens das importações, é o mercado italiano que se destaca, efectivamente, no cômputo de 2003, exportou para a comunidade europeia 5,4 mil milhões de euros correspondendo a 13,5% das importações totais dos 15. Note-se que a Alemanha, a França e a Itália são mercados fundamentais neste sector uma vez que foram não só os principais mercados de origem, como também os principais mercados de destino.

Quadro ... - Dez Principais Origens das Importações de Têxteis da U.E.

País	Valor (000 EUR)	Peso Relativo 2003	Var. Peso Rel. 03/02
Itália	5.387.432	13,5%	0,0 p.p.
Alemanha	5.260.218	13,2%	0,2 p.p.
França	2.941.367	7,4%	-0,1 p.p.
Bélgica	2.385.463	6,0%	0,0 p.p.
China	2.022.307	5,1%	0,6 p.p.

País	Valor (000 EUR)	Peso Relativo 2003	Var. Peso Rel. 03/02
Espanha	1.738.222	4,4%	-0,2 p.p.
Holanda	1.679.528	4,2%	-0,2 p.p.
Reino Unido	1.590.804	4,0%	-0,3 p.p.
Turquia	1.480.570	3,7%	0,3 p.p.
EUA	959.402	2,4%	-0,3 p.p.

Fonte: Eurostat

Vestuário

No vestuário, a Alemanha é, mais uma vez, o principal mercado de destino das exportações comunitárias apesar de ter perdido 0,4 p.p. de peso relativo fixando-se em 13,0%. Evolução inversa teve a França, registou um aumento de 0,6 p.p. passando a absorver 12,5% das exportações da U.E.

Quadro ... - Dez Principais Destinos das Exportações de Vestuário da U.E.

País	Valor (000 EUR)	Peso Relativo 2003	Var. Peso Rel. 03/02
Alemanha	6.579.568	13,0%	-0,4 p.p.
França	6.327.447	12,5%	0,6 p.p.
Reino Unido	3.987.744	7,9%	-0,2 p.p.
Espanha	3.141.552	6,2%	0,7 p.p.
Holanda	2.690.603	5,3%	-0,4 p.p.
Bélgica	2.550.689	5,0%	-0,1 p.p.
Suiça	2.368.253	4,7%	0,2 p.p.
EUA	2.075.388	4,1%	-0,3 p.p.
Áustria	1.976.429	3,9%	-0,1 p.p.
Itália	1.928.210	3,8%	0,4 p.p.

Fonte: Eurostat

Enquanto que no sector têxtil, os primeiros lugares do ranking dos principais mercados de origem são ocupados por países intra-comunitários, no vestuário é o mercado intra-comunitário que se destaca, em particular, a China e a Índia que no seu conjunto forneceram 20,8% das importações comunitárias totais.

Quadro ... - Dez Principais Origens das Importações de Vestuário da U.E.

País	Valor (000 EUR)	Peso Relativo 2003	Var. Peso Rel. 03/02
China	9.631.185	11,9%	1,1 p.p.
Turquia	7.150.075	8,9%	0,7 p.p.
Itália	5.710.364	7,1%	-0,3 p.p.
Alemanha	5.631.488	7,0%	0,4 p.p.
Bélgica	3.756.323	4,7%	-0,1 p.p.
Roménia	3.634.225	4,5%	0,1 p.p.
Bangladesh	3.053.847	3,8%	0,5 p.p.
França	3.042.722	3,8%	-0,1 p.p.
Holanda	3.036.372	3,8%	-0,1 p.p.
Tunísia	2.709.106	3,4%	-0,1 p.p.

Fonte: Eurostat

A força da indústria têxtil da Turquia – in www.portugaltexil.com (4/6/2004)

O que têm em comum Israel e a Arábia Saudita? Ou os antigos estados da União Soviética e os Estados Unidos? A resposta é: todos eles encaram a Turquia como um importante fornecedor e entreposto de têxteis e vestuário.

No entanto, segundo Oguz Satici, presidente da Associação Turca de Exportadores de Têxteis e Vestuário, o Reino Unido continua a ser um dos mais fiéis clientes da indústria têxtil e do vestuário deste país.

Falando por ocasião da inauguração da mostra de têxteis e vestuário da Turquia, realizada pela quinta vez em Londres, este responsável recordou que as vendas da ITV turca ao Reino Unido superaram os 1,6 mil milhões de dólares em 2003.

Além disso, os 50 membros desta associação são responsáveis por 30% do valor das exportações totais da Turquia, e por 80% das vendas de têxteis e vestuário.

Um dos sectores em que a ITV turca se destaca claramente é o do algodão, e Satici refere que “no sector do algodão sempre desfrutámos da vantagem de sermos o sexto maior produtor mundial desta matéria-prima, com uma produção média anual que ultrapassa as 800.000 toneladas”.

Além disso, os fabricantes turcos marcam hoje forte presença ao longo de toda a fileira da moda e vestuário, desde os têxteis não-tecidos ao vestuário desportivo *hi-tech*.

Entre os membros da ITKB presentes nesta iniciativa em Londres, contaram-se empresas dos sectores dos lanifícios, sedas, tecidos e malhas, o que foi bem representativo da força actual da indústria têxtil da Turquia.

Oguz Satici adianta ainda que “em 2004 vamos promover eventos semelhantes em Moscovo e Tóquio, e voltaremos a Londres, com uma nova mostra no Olympia, em Agosto próximo, ajudando desta forma os empresários e agentes da indústria têxtil turca a posicionar-se e adoptar o conceito de mercado global”.

Ismail Gulle, presidente da Associação Turca de Exportadores de Têxteis e Matérias-primas, partilha desta visão, acrescentando que “a Turquia tem uma localização geográfica privilegiada,

servindo os maiores mercados mundiais da moda e apresentando fabricantes equipados com os mais modernos e tecnologicamente avançados equipamentos e técnicas do mundo”.

“Uma elevada percentagem de fabricantes turcos estão envolvidos no processo desde a matéria-prima em bruto, ao tecido acabado, e muitas vezes até ao artigo de vestuário completo”, destaca Ismail Gulle.

A produção de têxteis e vestuário contribui presentemente com 10% do PIB nacional, e representa 17,5% da produção industrial, assegurando 20% dos empregos naquele país, e revelando-se a verdadeira força impulsionadora da economia da Turquia.

Os esforços da indústria têxtil turca têm vindo a ser naturalmente acompanhados pelas necessidades em termos produtivos, e a Turquia tornou-se, nos últimos anos, um dos maiores clientes a nível mundial dos fornecedores de maquinaria têxtil e respectivos componentes.

Por via da aposta em acrescentar valor e qualidade aos produtos têxteis básicos, este país é actualmente um dos principais compradores de agentes e produtos químicos, necessários aos processos de acabamento.

Assim, os fabricantes turcos despendem actualmente 1,7 mil milhões de dólares por ano neste tipo de produtos, mais 4 mil milhões de dólares na aquisição de fibras e fios para complementar a sua produção interna.

Ao mesmo tempo, o sector têxtil turco está igualmente a trabalhar no sentido de se tornar um dos líderes mundiais no campo do controle de qualidade, tendo sido criados 12 laboratórios de testes.

Em simultâneo, a ITV da Turquia está agora mais empenhada em criar um contexto industrial ecologicamente responsável, tendo adoptado medidas como por exemplo a proibição, em 1995, da utilização de corantes Azo, considerados potenciais agentes cancerígenos, além do incentivo a que as empresas obtenham as certificações de qualidade ISO 9001 ou ISO 9002.

Finalmente, estão também em marcha diversas iniciativas destinadas a melhorar as condições de trabalho das pessoas que trabalham nos sectores dos têxteis e vestuário, contribuindo ao mesmo tempo para a modernização e aumento da qualidade e competitividade desta indústria.

EUA e Marrocos assinam acordo de livre-comércio - in www.portugatextil.com (05/0.3/2004)

Os EUA e Marrocos concluíram um acordo de livre comércio, onde está incluído o acesso livre de taxas alfandegárias para todo o vestuário marroquino, enquadrado sob determinadas regras de origem específicas. Numa primeira fase, as empresas localizadas em Marrocos vão ter a autorização de usar tecidos de países terceiros, possibilitando o rápido aumento das encomendas para os EUA.

Com este acordo, proposto pela administração Bush em Abril de 2002, Marrocos junta-se ao grupo de países com acordos comerciais bilaterais para o acesso isento de taxas ao mercado norte-americano, nomeadamente: Chile, Jordânia, Austrália e países da América Central.

Ao abrigo deste acordo, as exportações marroquinas de vestuário vão ter acesso isento de taxas ao mercado norte-americano, se os artigos forem fabricados a partir de fios e tecidos com origem nos EUA ou em Marrocos. Esta regra de origem, com aplicação a partir do fio, vai forçar as empresas localizadas em Marrocos a adquirirem fios e tecidos com origem nos EUA, de forma a que se qualifiquem para o acesso isento de taxas. Apesar de Marrocos possuir uma forte indústria têxtil, apenas uma pequena parte das matérias utilizadas na produção de artigos para exportação, estão disponíveis ao nível local.

Na medida em que os custos da mão-de-obra são relativamente elevados em Marrocos, comparativamente aos praticados pelos concorrentes asiáticos, os produtores internos podem não ser capazes de importar elevadas quantidades de fios e tecidos com origem nos EUA.

No entanto, de forma a apoiar as exportações de vestuário para os EUA, Washington aceitou a cedência de um período de isenção de taxas até que seja atingido o volume equivalente a 30 milhões de metros quadrados de vestuário fabricado com tecidos de origem em países terceiros. Este valor é cerca de 0,2% do total das importações de vestuário dos EUA, mas representa quase o dobro do volume das exportações marroquinas de vestuário para os EUA durante o ano de 2003 (o equivalente a 16 milhões de metros quadrados).

Graças a este nível de preferência comercial, as empresas marroquinas têm a possibilidade de usar materiais de baixo custo com outras origens, principalmente da Ásia, sem perderem o estatuto de isenção de taxas no acesso ao mercado norte-americano.

Sendo actualmente um forte produtor de vestuário, Marrocos pode desenvolver rapidamente as suas vendas para os EUA, ao passo que não se prevê um aumento significativo nas importações marroquinas com origem nos EUA.

Actualmente, os exportadores marroquinos de vestuário vêem-se confrontados com uma ligeira diminuição no mercado da União Europeia, devido principalmente à concorrência da China. Com a eliminação das quotas, prevista para o próximo ano, as exportações marroquinas para a UE poderão vir a diminuir de forma ainda mais significativa.

Em simultâneo, diversos exportadores marroquinos desenvolveram novas estratégias comerciais, como a utilização de marca própria e a aposta em nichos de mercado, abrangendo desde os artigos do segmento mais baixo até aos do nível mais alto do mercado. De acordo com um relatório da AIRD, empresa norte-americana de consultoria, existe um número crescente de empresas marroquinas a modernizarem-se e a tornarem-se capazes de oferecer serviços de nível elevado aos seus clientes.

Os EUA esperam negociar outros acordos de livre comércio no curto prazo. Em breve serão iniciadas discussões com o Bahrein, enquanto as negociações com o Egipto sofreram atrasos devido a disputas no âmbito da OMC. O acordo com Marrocos está ainda dependente da aprovação do Congresso dos EUA, como acontece com outros acordos recentemente celebrados com a América Central e a Austrália.

Têxteis Lar⁶

As exportações de têxteis-lar da Comunidade Europeia têm como destino preferencial o Reino Unido responsável pela absorção de 17,1% logo seguido da Alemanha com 14,3%. Relativamente ao mercado extra-comunitário merecem referência os EUA e da Suíça que consumiram, respectivamente, 8,6% e 2,9% das saídas totais da U.E. nesta categoria de produtos. Refira-se ainda que os EUA perderam peso relativo relativamente a 2002 (1,1 p.p.) reflectindo a evolução cambial do euro face ao dólar. Relembre-se que a taxa de câmbio média anual de 2003 se fixou em 1,13 que compara com os 0,95 de 2002.

⁶ A Categoria de têxteis-lar foi reclassificada de forma a incluir produtos que antes não estavam considerados nomeadamente as tapeçarias. Esta reclassificação teve por base o critério do produto final, deste modo, são considerados têxteis-lar as NC: 57, NC: 5805, NC: 6301 - 6304 e NC: 94043.

Quadro ... - Dez Principais Destinos das Exportações de Têxteis Lar da U.E.

País	Valor (000 EUR)	Peso Relativo 2003	Var. Peso Rel. 03/02
Reino Unido	1.238.713	17,1%	0,3 p.p.
Alemanha	1.036.680	14,3%	0,6 p.p.
França	774.152	10,7%	0,8 p.p.
EUA	626.244	8,6%	-1,1 p.p.
Holanda	470.152	6,5%	-0,1 p.p.
Espanha	294.689	4,1%	0,4 p.p.
Bélgica	282.761	3,9%	-0,6 p.p.
Suiça	210.537	2,9%	-0,3 p.p.
Irlanda	193.468	2,7%	0,2 p.p.
Aústria	191.582	2,6%	0,0 p.p.

Fonte: Eurostat

Com excepção da Bélgica (que tem um elevado peso nas tapeçarias), os maiores fornecedores comunitários foram extra-comunitários, nomeadamente, a Turquia, a Índia, o Paquistão e a China, todos com aumentos da quota. Portugal foi o sétimo maior fornecedor com uma quota de 5,0% que compara com os 4,9% de 2002.

Quadro ... - Dez Principais Origens das Importações de Têxteis Lar da U.E.

País	Valor (000 EUR)	Peso Relativo 2003	Var. Peso Rel. 03/02
Bélgica	1.403.776	15,6%	-1,8 p.p.
Turquia	856.870	9,5%	1,2 p.p.
Índia	786.672	8,7%	0,4 p.p.
Paquistão	706.559	7,8%	0,4 p.p.
China	674.127	7,5%	1,0 p.p.
Holanda	661.659	7,4%	-0,1 p.p.
Alemanha	494.265	5,5%	0,0 p.p.
Portugal	454.159	5,0%	0,1 p.p.
França	321.898	3,6%	0,0 p.p.
Reino Unido	225.868	2,5%	-0,1 p.p.

Fonte: Eurostat

Exportações

O ranking dos maiores exportadores comunitários de têxteis e vestuário é liderado pela Itália, responsável por 23,5% das exportações da U.E., segue-se a Alemanha com 18,9% das saídas totais impulsionada pela relevância nas exportações comunitárias têxteis e, em menor medida, pelo vestuário e Têxteis – lar. Destaca-se também Bélgica pela relevância nas exportações de Têxteis – lar, efectivamente, de acordo com a nova classificação desta categoria de produtos, a Bélgica exporta 33,8% das saídas totais de têxteis – lar. Este valor resulta essencialmente da relevância belga no sector das tapeçarias.

Apesar de pouco representativo nas exportações do sector têxtil, Portugal foi o oitavo maior exportador com 4,1% das exportações totais comunitárias devido ao contributo do vestuário e dos têxteis – lar.

As saídas do mercado comunitário pertencem maioritariamente ao sector têxtil uma vez que representou 53,5% das exportações sendo de destacar os filamentos sintéticos e artificiais e os artigos de algodão com pesos relativos de 8,5% e 7,7%, respectivamente. No vestuário (46,5% das exportações), salienta-se o peso do vestuário em tecido que representou 26,4% das exportações desta categoria de produtos.

Quadro ... - Peso Relativo nas Exportações da U.E. em 2003

Mercado	Total	Têxteis	Vestuário	Têxteis-Lar
Itália	23,5%	23,1%	26,3%	6,5%
Alemanha	18,9%	22,9%	16,0%	10,6%
França	11,4%	12,1%	11,4%	7,4%
Bélgica	10,0%	7,9%	8,8%	33,8%
Reino Unido	7,7%	8,5%	7,1%	6,5%
Holanda	7,5%	6,5%	7,9%	11,2%
Espanha	5,7%	6,2%	5,5%	3,4%
Portugal	4,1%	1,7%	5,6%	10,3%
Aústria	3,3%	4,0%	2,6%	2,8%
Dinamarca	2,8%	1,7%	3,7%	3,3%
Grécia	2,0%	1,6%	2,6%	1,3%
Suécia	1,3%	1,4%	1,2%	1,9%
Irlanda	0,7%	0,7%	0,6%	0,7%
Finlândia	0,6%	0,8%	0,4%	0,3%
Luxemburgo	0,5%	0,8%	0,2%	0,0%

Fonte: Eurostat

Quadro ... Peso Relativo das Exportações de cada Produto nas Exportações da U.E.

Categorias de Produtos	Peso Relativo
Artigos de seda	0,4%
Artigos de lã	4,0%
Artigos de algodão	7,7%
Outras fibras têxteis vegetais	1,2%
Filamentos sintéticos ou artificiais	8,5%
Fibras sintéticas ou artificiais descontínuas	7,0%
Pastas, feltros, artigos de cordoaria, etc	4,6%
Tapetes e outros revestimentos	4,0%
Tecidos especiais e tufados	2,6%
Tecidos impregnados, etc	4,9%
Tecidos de malha	3,3%
Vestuário e acessórios de malha	20,2%
Vestuário e acessórios excepto de malha	26,4%
Outros artigos têxteis confeccionados	5,0%
Total	100,0%

Fonte: Eurostat

Importações

A Alemanha é o maior importador comunitário com um peso de 21,7% sendo de destacar o peso no vestuário e, sobretudo, nos têxteis – lar. Impulsionado também pelas importações de têxteis-lar, o Reino Unido ocupou o lugar de segundo maior importador seguindo-se a França e a Itália com pesos de 14,6% e 11,8%, respectivamente. Refira-se que os quatro maiores importadores comunitários concentram 63,8% das importações totais. Portugal apenas importou 2,2% das importações totais devido ao peso significativo de 4,4% nos têxteis.

O vestuário é o sector predominante nas importações comunitárias, responsável por 62,2% das entradas totais, destaca-se mais uma vez o vestuário em tecido com 34,6% das importações totais da ITV. No sector têxtil as categorias mais importadas foram os filamentos sintéticos ou artificiais com 6,6% e os outros artigos têxteis confeccionados⁷ com 6,2%.

Quadro ... - Peso Relativo nas importações da U.E. em 2003

Mercado	Total	Têxteis	Vestuário	Têxteis-Lar
Alemanha	21,7%	18,6%	22,9%	25,0%
Reino Unido	15,7%	11,3%	17,2%	22,3%

⁷ Inclui parte dos têxteis-lar da NC: 6301 a 6304.

Mercado	Total	Têxteis	Vestuário	Têxteis-Lar
França	14,6%	13,6%	15,2%	13,1%
Itália	11,8%	17,8%	9,5%	5,7%
Espanha	7,1%	8,5%	6,7%	5,4%
Holanda	7,0%	6,5%	7,4%	6,1%
Bélgica	6,7%	7,4%	6,4%	6,5%
Austria	3,7%	3,6%	3,8%	3,9%
Dinamarca	2,5%	2,1%	2,7%	2,2%
Suécia	2,4%	1,8%	2,5%	3,3%
Portugal	2,2%	4,4%	1,3%	1,0%
Grécia	1,5%	2,0%	1,2%	1,9%
Irlanda	1,3%	0,9%	1,5%	1,8%
Finlândia	1,1%	1,1%	1,1%	1,3%
Luxemburgo	0,4%	0,6%	0,3%	0,3%

Fonte: Eurostat

Quadro ... Peso Relativo das Importações de cada Produto nas Importações da U.E.

Categorias de Produtos	Peso Relativo
Artigos de seda	0,4%
Artigos de lã	2,8%
Artigos de algodão	5,3%
Outras fibras têxteis vegetais	0,8%
Filamentos sintéticos ou artificiais	6,6%
Fibras sintéticas ou artificiais descontínuas	4,4%
Pastas, feltros, artigos de cordoaria, etc	2,9%
Tapetes e outros revestimentos	2,8%
Tecidos especiais e tufados	1,4%
Tecidos impregnados, etc	2,6%
Tecidos de malha	1,6%
Vestuário e acessórios de malha	27,6%
Vestuário e acessórios excepto de malha	34,6%
Outros artigos têxteis confeccionados	6,2%
Total	100,0%

Fonte: Eurostat

Quadro ... Quota de Mercado dos Países da U.E. no Mercado Comunitário em 2003

País	Total	Têxteis	Vestuário	Têxteis-lar
Alemanha	8,8%	13,2%	7,0%	5,5%
Itália	8,8%	13,6%	7,1%	2,2%
Bélgica	5,8%	6,0%	4,7%	15,6%

País	Total	Têxteis	Vestuário	Têxteis-lar
França	4,9%	7,4%	3,8%	3,6%
Holanda	4,1%	4,2%	3,8%	7,3%
Reino Unido	2,9%	4,0%	2,4%	2,5%
Espanha	2,8%	4,3%	2,1%	1,2%
Portugal	2,7%	1,6%	2,9%	5,1%
Aústria	1,3%	2,2%	0,8%	1,0%
Dinamarca	1,2%	1,0%	1,3%	1,4%
Grécia	0,9%	0,7%	1,0%	0,6%
Suécia	0,7%	0,8%	0,5%	1,0%
Irlanda	0,4%	0,8%	0,3%	0,3%
Luxemburgo	0,3%	0,8%	0,2%	0,0%
Finlândia	0,2%	0,5%	0,1%	0,1%
Total	45,7%	61,1%	37,9%	47,5%

Fonte: Eurostat

Quadro ... Origens das Importações da U.E.

País	Total	Têxteis	Vestuário	Têxteis-lar
Intra U.E.	45,7%	61,1%	37,9%	47,5%
Extra U.E.	54,3%	38,9%	62,1%	52,5%
Principal Fornecedor	China	Itália	China	Bélgica

Fonte: Eurostat

Têxteis europeus beneficiam com o alargamento? – in www.portugaltexil.com (2/3/2004)

Em 1959, um dos fundadores da União Europeia, o visionário francês Robert Schuman, afirmou “devemos estar prontos para receber os países da Europa de Leste na União no momento em que eles o desejarem”.

Ajudada pela inesperada queda do Muro de Berlim (1989) e pelo fim da Cortina de Ferro, a União Europeia levou em conta a antevisão de Schuman.

Ao receber dez novos membros em 1 de Maio passado, a UE assumiu uma nova dimensão.

De um só golpe, a União Europeia passou a contar com 453 milhões de consumidores, enquanto há escassos meses tinha 380 milhões.

O alargamento efectuado em Maio de 2004 foi, porém, muito peculiar...

Com efeito, em nenhum outro momento se registou a entrada de tantos novos membros – dez – no espaço europeu comum. Outro aspecto saliente deste alargamento é o facto de, à excepção de Chipre e Malta, os restantes novos estados membros da UE estarem ainda na fase de transição do sistema de mercado socialista para o sistema de mercado livre.

Ao contrário do que é esperado acontecer já em 2005, com a queda das actuais quotas no comércio internacional de têxteis, não deve dar-se nenhum “big bang” nos têxteis europeus, na sequência do referido alargamento da Comunidade. Provavelmente, a maior alteração decorrente

da entrada destes dez países é a introdução de taxas aduaneiras na União Europeia, bem como o estabelecimento temporário (durante apenas 8 meses) de quotas no espaço comercial europeu.

Segundo o artigo do *Just-style.com*, o comércio entre os anteriores países membros e os dez novos estados da UE será positivamente influenciado pelo alargamento, devido ao aumento da concorrência e do grau de especialização neste sector.

As exportações de vestuário dos países mais antigos para os novos membros vai seguramente beneficiar do forte crescimento do consumo e do fascínio pelas marcas e fabricantes ocidentais que se verifica nos mais recentes membros da União.

Por outro lado, as regiões têxteis que carecem de reestruturação, em especial na Grécia, Portugal e Espanha, terão que partilhar os fundos estruturais europeus com zonas ainda mais debilitadas nos novos estados da UE.

Até à data, os fabricantes de vestuário europeus acreditaram que a Europa Oriental significaria uma produção de nível europeu, a custos de nível asiático.

O alargamento comunitário vai provavelmente encorajar cada vez mais produtores de têxteis e acessórios a levar em conta o verdadeiro potencial da Europa de Leste, em termos da produção e/ou subcontratação de certos tipos de artigos.

Na última década, as empresas europeias investiram mais de 100 mil milhões de euros nos dez novos membros da União Europeia, adquirindo as suas empresas ou criando novas fábricas.

Alias, os novos aderentes da UE são claramente um Mercado em potencial crescimento para a indústria dos têxteis e vestuário dos países mais antigos da Comunidade.

Tomemos como exemplo a evolução das exportações da ITV europeia para a Polónia, um mercado com cerca de 40 milhões de consumidores. Em 1989, quando a Polónia era ainda um estado socialista e a União Europeia tinha apenas 12 membros, as exportações de têxteis e vestuário não ultrapassaram os 350 milhões de euros.

Já em 1995, as mesmas exportações superaram os 1,6 mil milhões de euros, embora desde esse ano as vendas da Europa para este país de Leste tenham vindo a crescer a um ritmo mais lento, para os 2,4 mil milhões de euros.

Devido ao aumento dos salários e ao fácil acesso ao crédito, o consume tem vindo a crescer rapidamente na maioria dos novos países da UE, e deve manter esta tendência após a sua adesão.

A consultora internacional *McKinsey* estima que a adesão à União Europeia pode acrescentar 1-1,8% às taxas de crescimento anual do PIB destes estados europeus, o que, a suceder de forma sustentada, pode levar países como a República Checa e a Hungria a igualar o PIB de estados como a Grécia e Portugal, no prazo de 15 anos.

Actualmente, o poder de compra em Chipre, Malta e Eslovénia está já muito próximo do registado na Grécia, o membro mais pobre da comunidade.

Ao mesmo tempo, o baixo nível dos salários praticados nestes recém-chegados países parece menos ameaçador para o emprego na Europa comum do que se poderia esperar, embora os vencimentos no sector industrial nestes estados sejam, em média, apenas 1/7 dos praticados nos restantes países.

Existem três grandes motivos pelos quais os grandes fabricantes de vestuário da União Europeia não devem lançar-se desenfreadamente na produção nos novos membros.

Em primeiro lugar, muitos dos referidos fabricantes já produzem artigos nestes países, e a maioria dos 600.000 trabalhadores dos têxteis e vestuário dos dez novos estados trabalham para o mercado comum europeu, sendo que quase 100% das suas exportações se destinam à União.

Em segundo lugar, as empresas compradoras levam em conta que a produtividade nestes países é cerca de metade da média dos anteriores 15 membros da EU, embora esteja a crescer a um ritmo de 3%-3,5% ao ano.

Finalmente, estes compradores esperam um forte crescimento dos preços nestes estados, apesar dos esforços dos respectivos governos para tentar desesperadamente travar a subida dos

salários.

Em síntese, tudo indica que as principais vantagens competitivas dos novos membros da Comunidade face à concorrência asiática – a proximidade e a reciprocidade das trocas comerciais – serão fortemente valorizadas pelas empresas de têxteis e vestuário dos restantes países...

2.2 A Indústria Têxtil e do Vestuário Portuguesa

Indicadores de Confiança

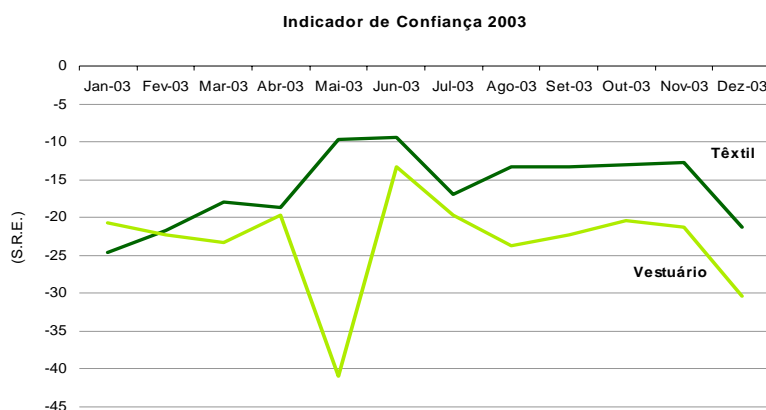
Os dados disponíveis do inquérito mensal à Indústria Transformadora do INE para 2003 apontam para baixos níveis de confiança no sector têxtil e do vestuário. Contudo, no sector têxtil o cenário foi mais favorável evidenciando mesmo sinais de recuperação face a 2002 reflectindo, em particular a evolução do primeiro semestre do ano. Efectivamente, neste período registou-se uma variação positiva da percepção qualitativa da carteira de encomendas nacional e internacional conjugada com a evolução favorável dos stocks de produtos acabados.

Refira-se que a partir de Abril o indicador de confiança do sector têxtil esteve sempre acima do valor médio registado em 2002 (com excepção de Dezembro de 2003) o que atesta a melhoria do sentimento dos agentes económicos.

No vestuário, pelo contrário, a confiança voltou a deteriorar-se atingindo o valor mais baixo desde o início da compilação da série em 1997. Influenciado pela contracção da procura (interna e externa), o indicador de confiança começou o ano estável, todavia, em Maio caiu significativamente atingindo um mínimo de seis anos (-41 S.R.E.⁸). No entanto, em Junho o Indicador recuperou significativamente para valores superiores a Abril seguindo-se um período de nova deterioração até Dezembro (com excepção dos meses de Setembro e Outubro).

⁸ Saldo de Respostas Extremas

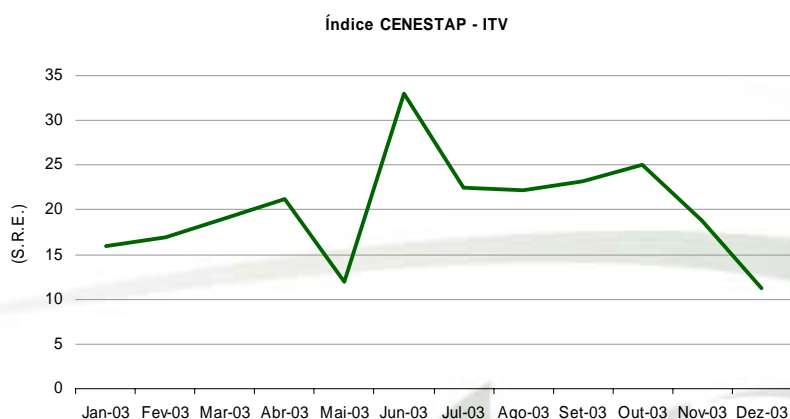
Gráfico ... Evolução do Indicador de Confiança em 2003



Fonte: INE

De acordo com o índice CENESTAP/ITV que avalia a evolução da conjuntura no sector agregando um conjunto de indicadores mensais relativos ao sector têxtil e ao vestuário, 2003 começou com uma ligeira recuperação da confiança que se manteve até ao final do primeiro quadrimestre. Contudo, em Maio, o índice evidenciou sinais de instabilidade com uma forte queda seguida de uma recuperação em Junho atingindo um valor de 33 pontos (S. R. E.). A partir de Julho a confiança manteve-se relativamente estável verificando até um ligeiro crescimento no terceiro trimestre, mas, no último trimestre o índice voltou a registar uma nova contracção tendo-se fixado em 11 pontos em Dezembro, traduzindo, assim, as perspectivas menos optimistas dos agentes económicos durante o quarto trimestre de 2003.

Gráfico ... Evolução do Índice CENESTAP em 2003

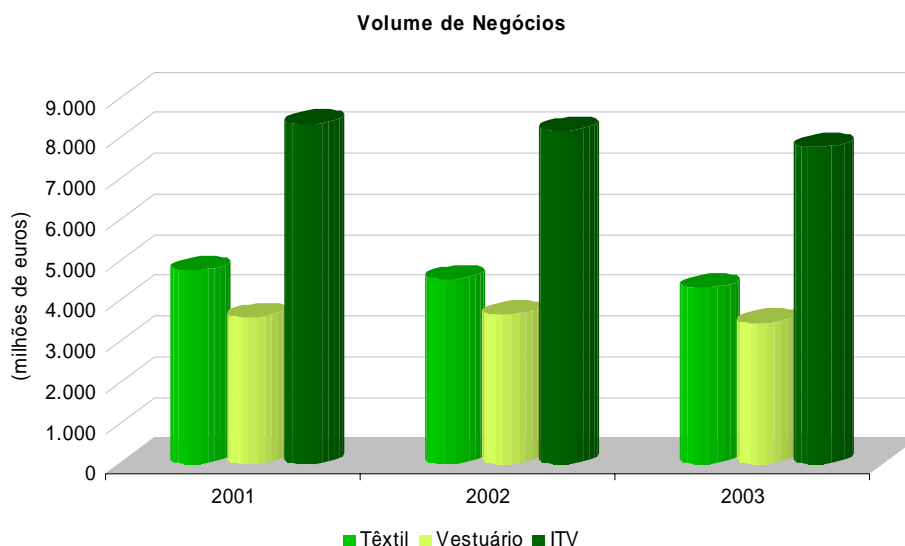


Fonte: CENESTAP

Volume de Negócios

A conjuntura económica recessiva que caracterizou 2003 reflectiu-se também na ITV. Deste modo o volume de negócios da indústria caiu 5,0% face a 2002 atingindo, segundo as estimativas do Observatório Têxtil do CENESTAP, 7.770 milhões de euros⁹. Desagregando a análise no sector têxtil e no vestuário a variação homóloga do primeiro foi de (-) 4,5% que compara com a queda de 4,7% em 2002, enquanto que o segundo caiu 5,7% face à variação positiva de 1,9% em 2002. A Indústria Transformadora (IT), no seu conjunto, também registou uma queda homóloga do volume de negócios, (-2,0%) contudo, inferior à ITV ditando desta forma uma perda de peso da ITV no volume de negócios total passando de 11,9% em 2002 para 11,6% em 2003.

Gráfico ... - Volume de Negócios da Indústria Têxtil e do Vestuário

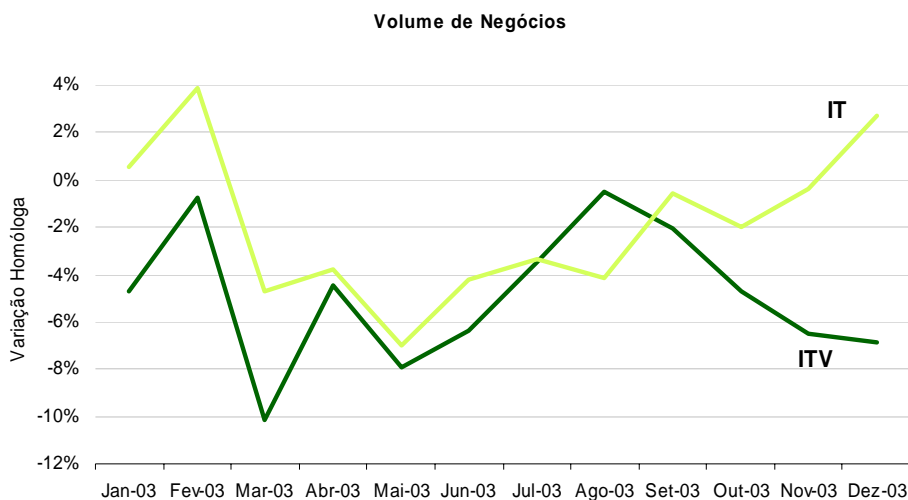


Fonte: INE, Estimativa: CENESTAP

Em termos intra-anuais a taxa de variação homóloga registou fortes oscilações tendo atingido em Março o valor mais baixo (-10,1%). De referir que até Julho a ITV e a ITV registaram evoluções semelhantes apesar da Indústria Transformadora ter registado sistematicamente valores menos negativos que a ITV. Todavia, a partir de Agosto (excepto Outubro) as taxas homólogas seguiram caminhos opostos. Se por um lado a IT verificou uma melhoria atingindo valores positivos no final do ano, por outro, a ITV entrou numa tendência descendente até Dezembro.

⁹ Este valor tem por base os dados publicados pelo INE para 2002. Saliente-se que entre 2001 e 2002 o INE procedeu a uma alteração de metodologia, implicando uma alteração da amostra, daí que os dados publicados pelo INE para 2001 e 2002 não sejam comparáveis.

Gráfico ... - Variação Homóloga do Volume de Negócios da ITV e da Indústria Transformadora



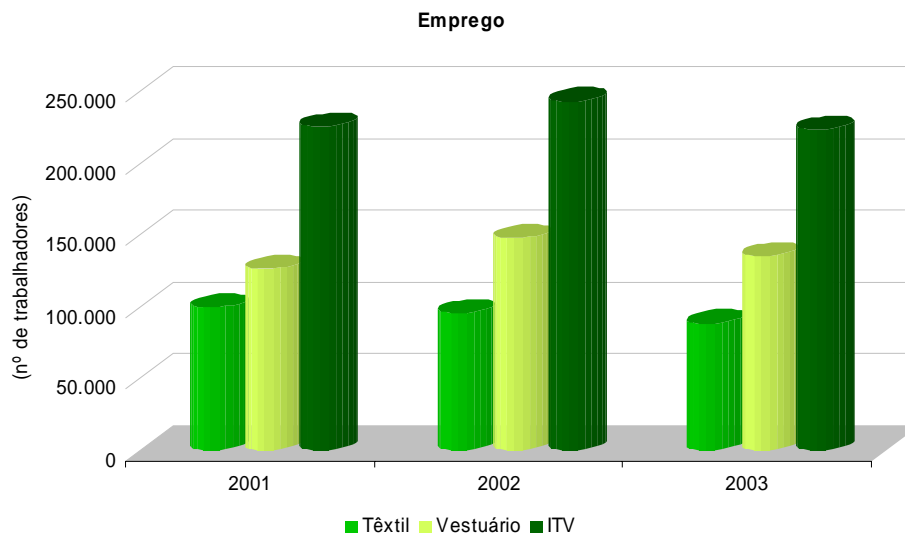
Fonte: INE, Estimativa: CENESTAP

Emprego

O emprego reflectiu o abrandamento da actividade económica à semelhança dos restantes sectores de actividade a ITV registou uma contracção no emprego. Neste contexto, de acordo com as estimativas do Observatório Têxtil do CENESTAP, em 2003 a ITV empregava 223.723¹⁰ trabalhadores correspondendo a uma queda de 8,0% face ao ano anterior e que compara com a queda de 5,0% registada pela IT. As variações anteriormente descritas implicaram uma perda de peso relativo do emprego da ITV no conjunto da IT passando de um peso de 26,7%% para 25,8%.

¹⁰ Este valor tem por base os dados publicados pelo INE para 2002. Saliente-se que entre 2001 e 2002 o INE procedeu a uma alteração de metodologia, implicando uma alteração da amostra, daí que os dados publicados pelo INE para 2001 e 2002 não sejam comparáveis.

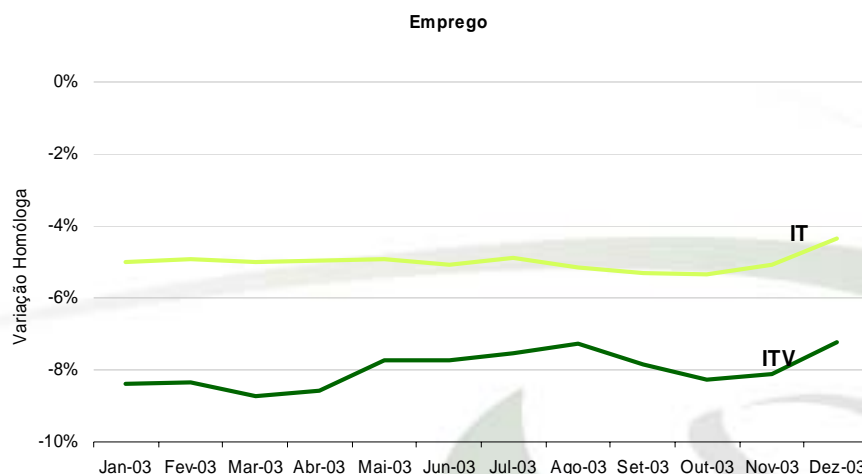
Gráfico ... - Emprego na Indústria Têxtil e do Vestuário



Fonte: INE, Estimativa: CENESTAP

Ao longo do ano, a ITV e a IT verificaram variações homólogas relativamente constantes tendo variado no intervalo de [-8,7% e -7,2%] no primeiro caso e de [-5,4% e -4,3%] no segundo. Apesar de mais volátil, a ITV registou uma evolução das taxas mensais de variação homóloga muito próxima da registada pela IT, de forma que o hiato entre as duas taxas não se alterou significativamente (caiu 0,5 p.p. entre Janeiro e Dezembro de 2003).

Gráfico ... - Variação Homóloga do Emprego na ITV e da Indústria Transformadora

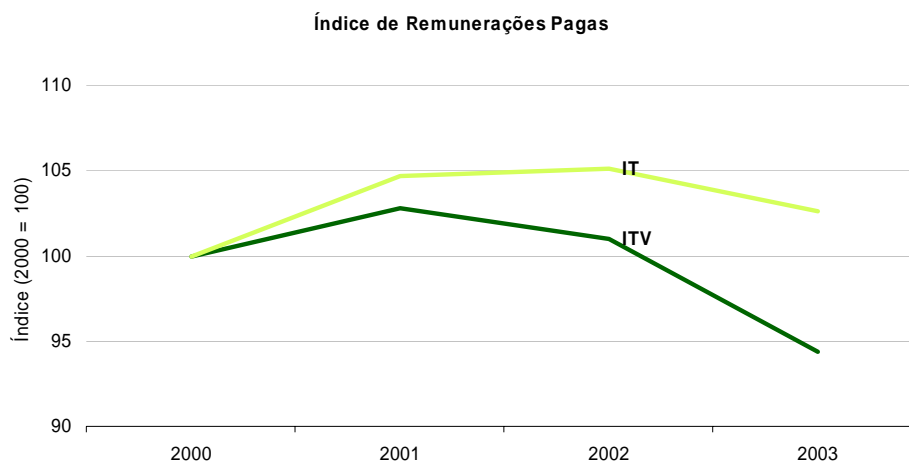


Fonte: INE, Estimativa: CENESTAP

Remunerações

A diminuição do número de trabalhadores foi acompanhada por uma diminuição do valor das remunerações globais mais acentuada na ITV que a média da IT. Os dados do INE apontam para uma queda das remunerações de 6,6% e 2,3%, respectivamente. O sector têxtil e o vestuário contribuíram para esta redução das remunerações globais com variações negativas de 6,8% e 6,4%, respectivamente.

Gráfico ... - Evolução das Remunerações Pagas pela ITV e pela IT

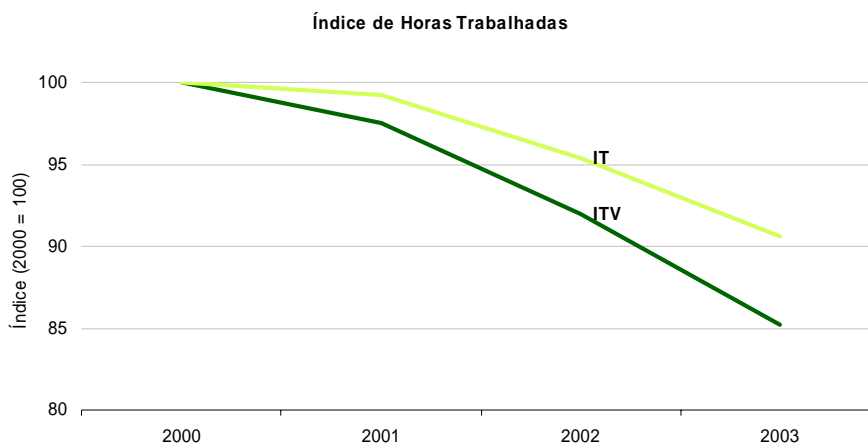


Fonte: INE, Estimativa: CENESTAP

Horas trabalhadas

O número global de horas trabalhadas influenciado pela evolução do emprego continuou a tendência de queda dos últimos anos. Efectivamente, quer a ITV quer a IT registaram quedas do nível global de horas trabalhadas, contudo, mais moderadas na IT. De acordo com as estimativas do Observatório Têxtil o número global de horas trabalhadas caiu 7,4% sendo esta queda de 6,8% no têxtil e de 7,8% no vestuário.

Gráfico ... - Evolução das Horas Trabalhadas pela ITV e pela IT

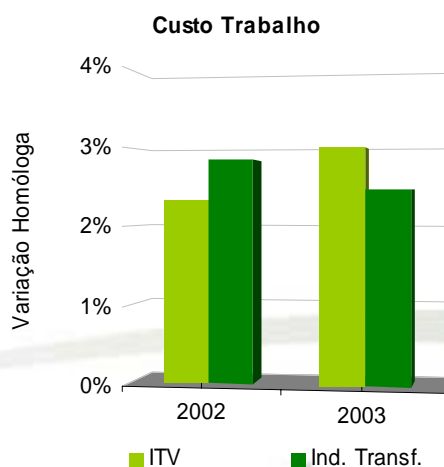


Fonte: INE, Estimativa: CENESTAP

Custo do Trabalho

Em 2003 o custo do trabalho¹¹ variou positivamente tanto na ITV como na IT, no entanto, ao contrário do que se verificou no ano anterior, a variação foi superior na ITV que na IT. Neste contexto, o custo de hora trabalhada na ITV cresceu a uma taxa média de 3,0% que comprara com os 2,5% da IT.

Gráfico ... – Variação do Índice de Custo do Trabalho

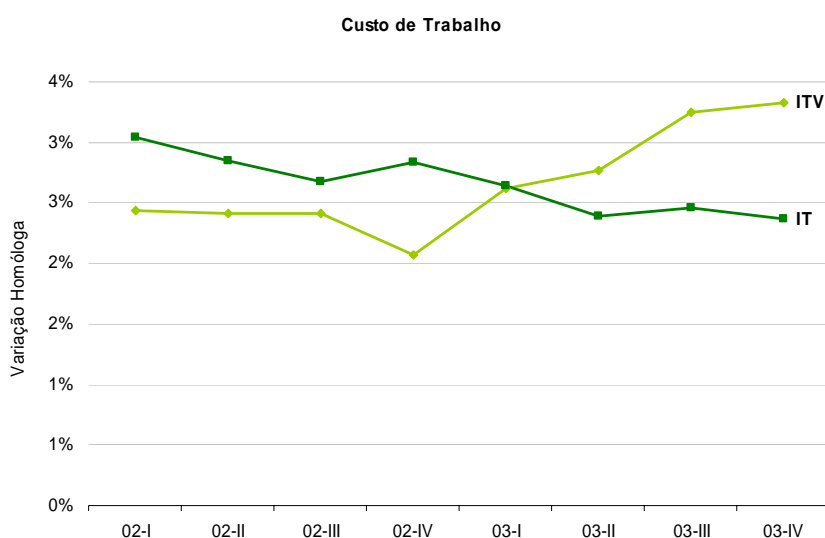


Fonte: INE, Estimativa: CENESTAP

¹¹ Este indicador tem o ano de 1995 como base, sendo que o INE iniciou a publicação deste indicador com alteração do ano base para 2000.

É a primeira vez, desde 2000, que a variação homóloga do custo de trabalho é superior à da IT que na ITV. Logo no primeiro trimestre do ano a ITV inverteu a tendência de queda que se verificava em 2002. Aliás, os dados referentes a 2003 apontam para um crescimento contínuo da taxa de variação homóloga atingindo no final do ano o valor mais elevado (3,33%). A IT, por outro lado, manteve-se em queda (com excepção do terceiro trimestre) fixando-se no final do ano na variação homóloga de 2,4%.

Gráfico ... - Variação do Custo de Trabalho



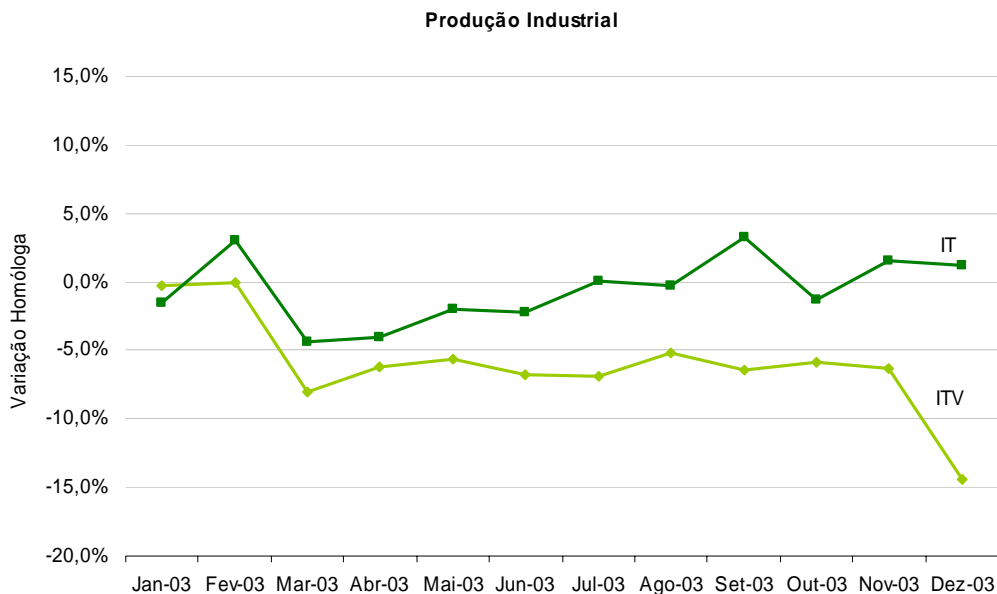
Fonte: INE, Estimativa: CENESTAP

Produção

A produção, avaliada pelo índice de produção industrial, decresceu 6,0% em 2003, mais 1,1 p.p. que no ano anterior, influenciada pela queda da produção no sector têxtil (-7,4%) e em menor escala no sector do vestuário (-4,5%).

A variação homóloga do índice de produção industrial foi relativamente equiparada na ITV e na IT nos primeiros seis meses do ano. Entre Março e Novembro é notória uma manutenção das taxas de variação homólogas da ITV. Contudo, o índice terminou o ano com uma queda homóloga de 14,5%.

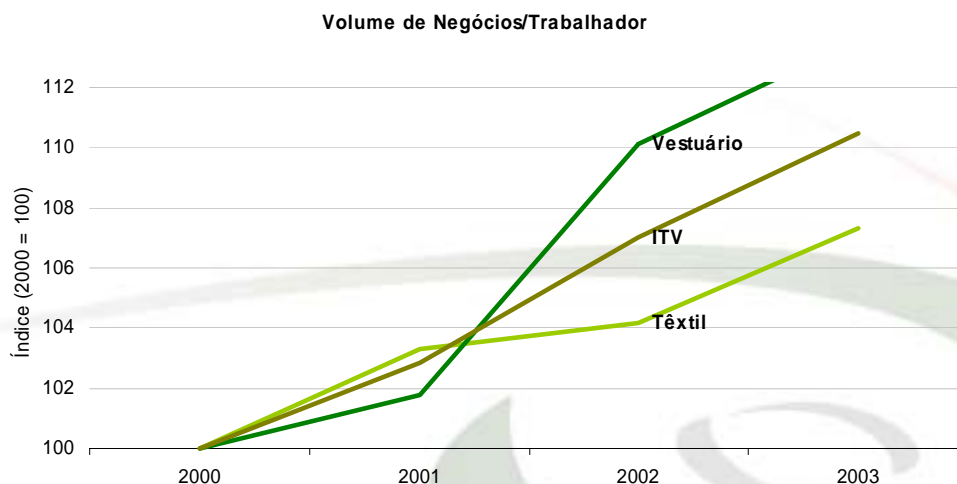
Gráfico ... - Evolução do Índice de Produção Industrial



Fonte: INE, Estimativa: CENESTAP

Produtividade

Com base na análise do volume de negócios por trabalhador utilizado como proxy para o cálculo da produtividade do factor trabalho constata-se que a indústria têxtil e também o vestuário registaram significativos aumentos de produtividade face a 2002 sendo de 3,0% no primeiro e 3,1% no segundo. Deste modo, a ITV, verificou um aumento da produtividade de 3,2% análogo ao aumento registado pela Indústria Transformadora no seu todo.

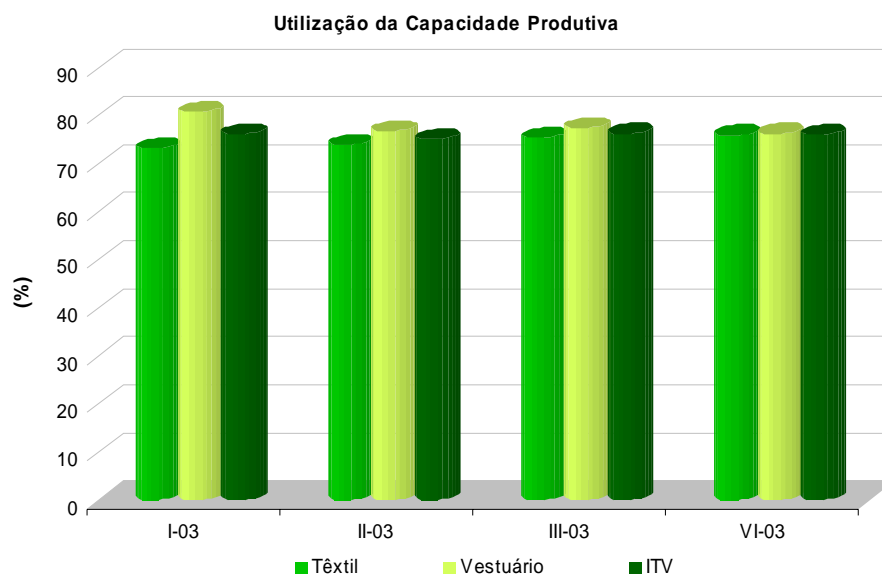


Fonte: INE, Estimativa: CENESTAP

Capacidade Produtiva

Ao longo do ano a diferença entre a taxa de utilização da capacidade produtiva no sector têxtil e no vestuário foi-se esbatendo. Efectivamente, no primeiro trimestre de 2003 a taxa de utilização era de 80,8% no sector do vestuário e 73,2% no têxtil, ao passo que, no último trimestre estes valores corresponderam a 76,3% e a 76,0%, respectivamente. Esta evolução reflectiu um aumento progressivo da taxa de utilização da capacidade produtiva têxtil e uma evolução inversa no vestuário, de forma que, em termos médios, a ITV se manteve relativamente constante em torno dos 76%.

Gráfico ... Evolução da Taxa de Utilização da Capacidade Produtiva



Fonte: INE, Estimativa: CENESTAP

Preços

O ano de 2003 foi marcado por uma queda dos preços à saída da fábrica de 0,5% na ITV reflectindo a contribuição positiva do vestuário (0,6%), mais que compensada por uma variação negativa do sector têxtil (-0,9%). As maiores quedas foram registadas nas empresas de preparação e fiação de fibras têxteis e nas de fabricação de tecidos de malha cujos preços desceram, respectivamente, 2,8% e 2,2%.

Neste contexto, o sector têxtil registou variações homólogas negativas em todos os meses de 2003, contudo, ao longo do ano as variações homólogas negativas foram-se tornando inferiores atingindo em Dezembro uma variação de (-) 0,05%. No sector da confecção, por outro lado, as variações homólogas foram positivas ao longo de todo o ano.

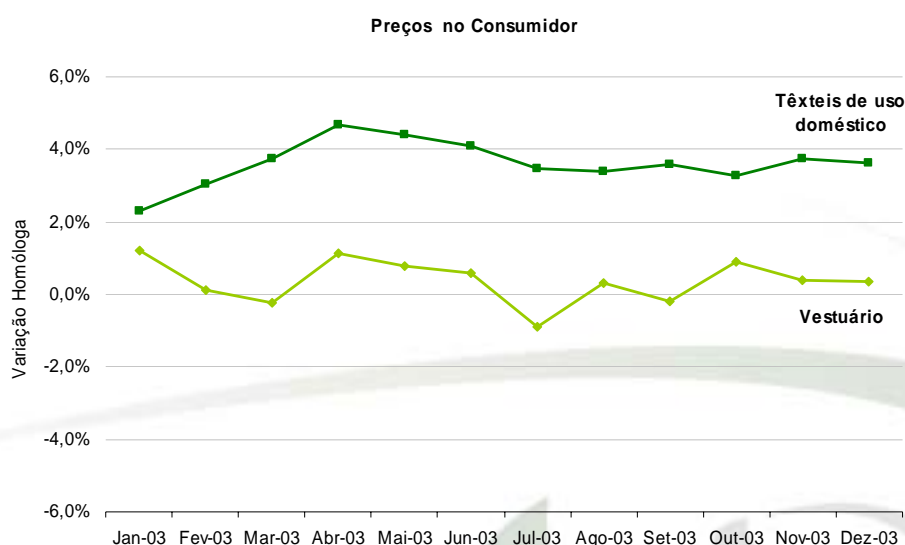
Quadro... Variação dos Preços à Saída da Fábrica

Sector	2002	2003	Var. (p.p.)
Fiação	-5,0%	-2,8%	2,2 p.p.
Tecelagem	0,2%	0,7%	0,5 p.p.
Artigos Têxteis Confeccionados (Têxteis Lar)	1,3%	-0,5%	- 1,8 p.p.
Outras Indústrias Têxteis	0,6%	2,1%	1,5 p.p.
Fabricação de Tecidos de Malha	-2,0%	-2,2%	- 0,2 p.p.
Fabricação de Artigos de Malha	0,5%	0,3%	- 0,2 p.p.
Confecção de Vestuário em Couro	0,8%	0,2%	- 0,6 p.p.
Confecção de Outros Artigos e Acessórios de Vestuário	1,1%	0,6%	- 0,5 p.p.
Sector Têxtil	-1,7%	-0,9%	0,8 p.p.
Sector do Vestuário	1,1%	0,6%	- 0,5 p.p.
ITV	-0,9%	-0,5%	0,4 p.p.

Fonte: INE, Estimativa: CENESTAP

Os preços no consumidor registaram crescimentos homólogos em todos os sectores. Tendo em conta as diferentes categorias é de realçar que a maior taxa de crescimento tenha sido registada nos materiais para vestuário, aumentou 4,1% face ao ano transacto e nos têxteis de uso doméstico com um aumento homólogo de 3,6%. Por fim, merece apenas referência o vestuário que verificou uma variação mais ligeira (0,3%).

Gráfico... Variação Homóloga do Índice de Preços no Consumidor



Fonte: INE, Estimativa: CENESTAP

Quadro ... Importações de Equipamento

Código	Descrição	2002	2003	Var.
84451100	Cardas para preparação de matérias têxteis	1.824	47	-97,4%
84451300	Bancos de fusos	n.d.	n.d.	n.d.
84451900	Máquinas para preparação de matérias têxteis (expt. cardas, penteadeiras, bem como bancos de fusos)	2.731	3.640	33,2%
84452000	Máquinas para fiação de matérias têxteis (expt. máquinas para extrudar, bem como bancos de fusos)	1.711	2.177	27,2%
84453010	Máquinas para dobragem de matérias têxteis	265	43	-83,9%
84453090	Máquinas para torção de matérias têxteis	2.774	767	-72,3%
84454000	Máquinas de bobinar, incl. as bobinadeiras de trama, ou de dobar matérias têxteis	2.295	1.153	-49,8%
84459000	Máquinas e aparelhos para fabricação de fios têxteis, bem como máquinas para preparação de fios têxteis para sua utilização nas máquinas das posições 8446 ou 8447 (expt. máquinas da posição 8444, bem como máquinas para fiação, dobragem ou torção)	1.669	422	-74,7%
84461000	Teares para tecidos de largura <= 30 cm	1.120	1.274	13,8%
84462100	Teares para tecidos de largura > 30 cm, de lançadeiras, a motor	464	560	20,7%
84462900	Teares para tecidos de largura > 30 cm, manuais	659	422	-36,0%
84463000	Teares para tecidos de largura > 30 cm, sem lançadeiras	6.796	4.629	-31,9%
84471110	Teares circulares para malhas, com cilindro de diâmetro <= 165 mm, operando com agulhas articuladas	1.001	1.253	25,1%
84471190	Teares circulares para malhas, com cilindro de diâmetro <= 165 mm excepto os que operam com agulhas articuladas	1.392	4.471	221,1%
84471210	Teares circulares para malhas, com cilindro de diâmetro >165 mm, operando com agulhas articuladas	5.007	3.726	-25,6%
84471290	Teares circulares para malhas, com cilindro de diâmetro > 165 mm excepto os que operam com agulhas articuladas	1.451	418	-71,2%
84472010	Teares rectilíneos para malhas; máquinas de costura por entrelaçamento manuais	436	82	-81,1%
84472092	Teares rectilíneos para malhas; máquinas de costura por entrelaçamento manuais, nomeadamente, teares de urdidura, incluídos os teares Raschel	1.214	1.727	42,3%
84472098	Outros teares rectilíneos para malhas; máquinas de costura por entrelaçamento	4.171	5.042	20,9%
84479000	Máquinas para fabricar guipuras, tules, rendas, bordados, passamanarias, galões ou redes e máquinas para inserir tufo (expt. máquinas de costurar e bordar)	7.436	6.848	-7,9%
84481100	Maquinetas e mecanismos Jacquard; redutores, perfuradores, e copiadores de cartões; máquinas para enlaçar cartões e copiadores de cartões; máquinas para enlaçar cartões após perfuração	1.950	1.472	-24,5%
84481900	Máquinas e aparelhos auxiliares para as máquinas das posições 8444, 8445, 8446 ou 8447 (expt. maquinetas, mecanismos Jacquard, redutores, perfuradores e copiadores de cartões e máquinas para enlaçar cartões após perfuração)	1.775	2.250	26,8%
84483100	Guarniões de cardas de máquinas para preparação de matérias têxteis	806	767	-4,9%
84483200	Partes e acessórios de máquinas para preparação de matérias têxteis, n.e. (expt. guarniões de cardas)	1.970	1.732	-12,1%
84483310	Fusos e suas aletas	93	6	-93,4%
84483390	Aneis e cursores	598	346	-42,2%

Código	Descrição	2002	2003	Var.
84483900	Partes e acessórios para máquinas da posição 8445, n.e.	3.416	3.308	-3,2%
84484100	Lançadeiras, de teares para tecidos	18	1	-96,0%
84484200	Pentes, liços e quadros de liços, de teares para tecidos	419	375	-10,4%
84484900	Partes e acessórios dos teares, ou das suas máquinas e aparelhos auxiliares, n.e.	7.522	8.599	14,3%
84485110	Platinas	533	587	10,0%
84485190	Agulhas e outros artigos utilizados na formação das malhas	7.155	6.948	-2,9%
84485900	Partes e acessórios para máquinas da posição 8447, n.e.	3.626	4.509	24,4%
84490000	Máquinas e aparelhos para fabricação ou acabamento de feltro ou de falsos tecidos, incl. as máquinas e aparelhos para fabricação de chapéus de feltro, bem como formas para chapéus e para artefactos de uso semelhante; formas para chapéus e para artefactos	1.860	587	-68,4%
84512900	Máquinas e aparelhos para secar fios, tecidos ou obras de matérias têxteis (expt. máquinas de secar roupa, de capacidade, expressa em peso de roupa seca, <= 10 kg, bem como secadores centrífugos)	3.214	3.224	0,3%
84513010	Máquinas e prensas para passar, incluídas as prensas fixadoras de aquecimento eléctrico de potência <= 2500 W	1.247	2.293	83,8%
84513030	Máquinas e prensas para passar, incluídas as prensas fixadoras de aquecimento eléctrico de potência > 2500 W	746	776	4,0%
84513080	Máquinas e prensas para passar, incluídas as prensas fixadoras excepto de aquecimento eléctrico	1.991	1.353	-32,0%
84514000	Máquinas para lavar, branquear ou tingir fios, tecidos ou obras de matérias têxteis (expt. máquinas de lavar roupa)	5.968	4.237	-29,0%
84515000	Máquinas para enrolar, desenrolar, dobrar, cortar ou dentear tecidos	5.188	3.855	-25,7%
84518010	Máquinas para revestir tecidos-base e outros suportes destinados à fabricação de revestimentos para pavimentos, tais como linóleo	1.940	1	-99,9%
84518030	Máquinas para apresto ou acabamento	1.802	934	-48,1%
84518080	Outras máquinas e aparelhos	5.098	4.897	-3,9%
84519000	Partes de máquinas e aparelhos para lavar, limpar, espremer, secar, passar, prensar, branquear, tingir, para apresto e acabamento, para revestir ou impregnar fios, tecidos ou obras de matérias têxteis ou para revestir tecidos-base	5.111	6.374	24,7%
84522100	Máquinas de costura automáticas para fins industriais ou comerciais	4.921	2.750	-44,1%
84522900	Máquinas de costura para fins industriais ou comerciais (expt. máquinas de costura automáticas)	11.615	9.275	-20,1%
84524000	Móveis, bases e tampas, para máquinas de costura, e suas partes	87	43	-50,8%
84529000	Partes de máquinas de costura, n.e.	4.893	4.429	-9,5%
	Total	129.977	114.625	-11,8%

Fonte: Eurostat; valores em milhares de euros

Comércio Internacional

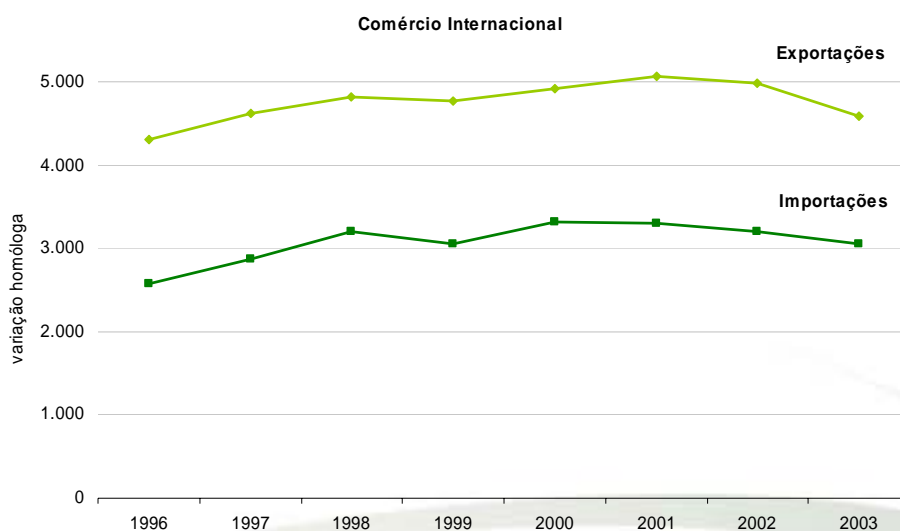
As exportações da ITV caíram pelo segundo ano consecutivo tendo-se fixado, de acordo com as estimativas do Observatório Têxtil do CENESTAP, em 4.585,8 milhões de euros, correspondendo a uma queda de 7,9% face ao ano anterior. O sector têxtil influenciou decisivamente esta evolução, uma vez que as exportações registaram uma queda de 19,1% enquanto que o vestuário, por outro lado, registou uma queda ligeira (0,3%).

Relativamente às importações da ITV, os indicadores apontam também para uma diminuição foram importados 3.048,6 milhões de euros reflectindo a influência do sector têxtil com uma queda de 7,7% face a 2002 contra uma variação positiva das importações do vestuário de 0,6% neste período.

As variações descritas repercutiram-se numa deterioração do saldo da balança comercial de 13,5% fixando-se em 1.537,2 milhões de euros. A taxa de cobertura das importações pelas exportações registou uma queda impulsionada pela maior variação das exportações face às importações. Deste modo a taxa fixou-se em 150,4% menos 5,2 p.p. que em 2002.

Por fim refira-se apenas que 2003, as exportações da ITV representaram 16,3% das exportações nacionais totais correspondendo no entanto a uma queda de 2,1 p.p. face ao ano transacto.

Gráfico... Comércio Internacional de Têxteis e Vestuário

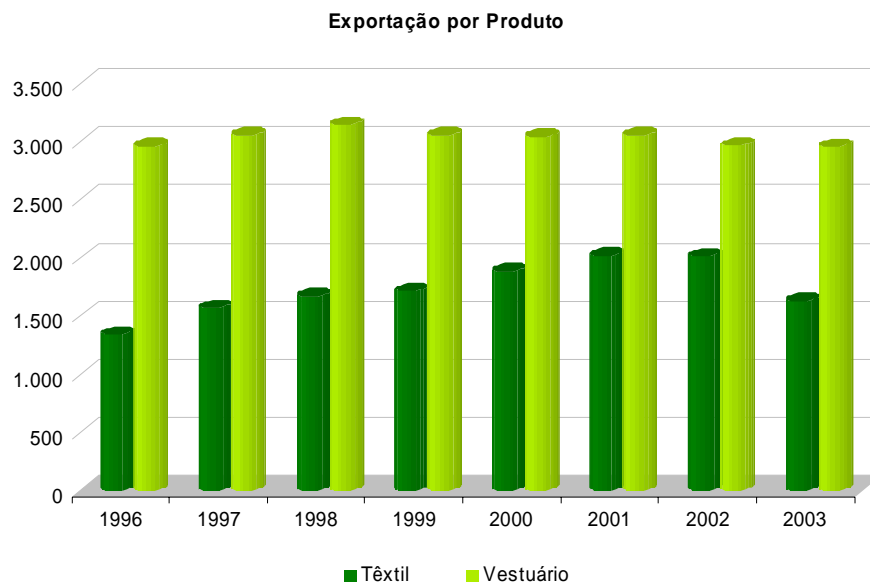


Fonte: INE

Se nos anos anteriores o sector têxtil havia ganho peso relativo nas exportações nacionais, em 2003, inverteu-se essa tendência. Assim, de acordo com os dados definitivos do INE os produtos

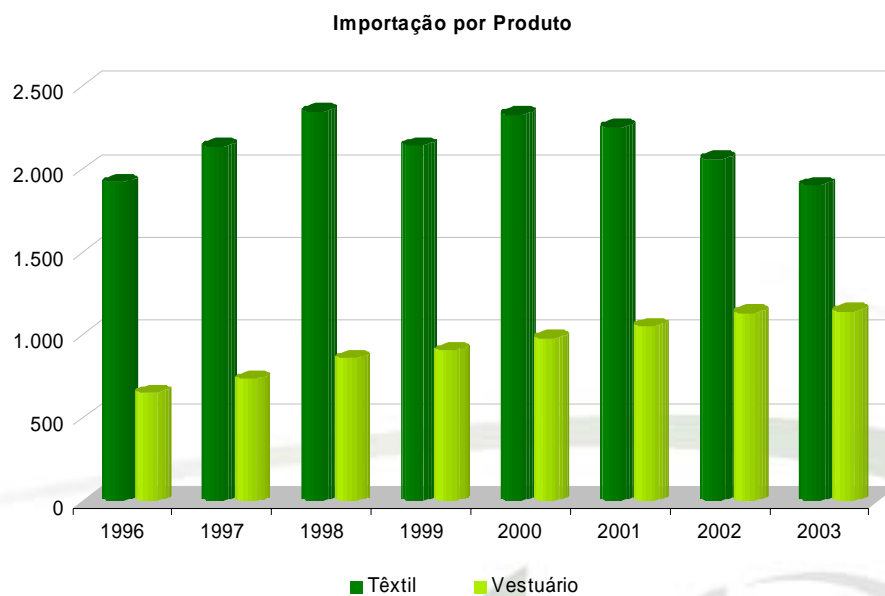
têxteis perderam peso tendo passado de 40,5% das exportações para 35,5%. Este cenário repetiu-se nas importações, onde o sector têxtil passou de um peso relativo de 64,5% para 62,5%.

Gráfico... Evolução das Exportações por Produto



Fonte: INE

Gráfico... Evolução das Importações por Produto



Fonte: INE

Num período temporal mais alargado destaca-se o aumento de peso dos artigos de lã, de algodão e de filamentos sintéticos e do vestuário de malha nas exportações mais que compensados pelas quedas ao nível do vestuário de tecido, dos tecidos impregnados e dos outros artigos têxteis (que inclui parte dos têxteis-lar).

Nas importações, foi o vestuário de tecido que ganhou peso significativo tornando-se a segunda categoria de produtos mais importada por Portugal com um peso de 19,0% logo a seguir ao algodão com mais 0,8 p.p. O peso das importações de vestuário de malha também aumentou significativamente, de forma que, somadas, as duas categorias de vestuário registaram um aumento de 7,7 p.p. no peso relativo nas importações.

Quadro... Exportações Portuguesas por Produtos - Peso Relativo

NC	CATEGORIAS	1996	1999	2003
50	Artigos de seda	0,0%	0,0%	0,0%
51	Artigos de lã	1,6%	2,0%	2,3%
52	Artigos de algodão	4,6%	4,2%	4,4%
53	Outras fibras têxteis vegetais	0,0%	0,1%	0,1%
54	Filamentos sintéticos ou artificiais.	1,1%	1,2%	1,4%
55	Fibras sintéticas ou artificiais, descontínuas	4,2%	4,9%	3,8%
56	Pastas, feltros, etc.; artigos de cordoaria, etc.	2,6%	2,5%	2,8%
57	Tapetes e outros revestimentos	0,8%	1,0%	1,3%
58	Tecidos especiais e tufados	0,6%	0,5%	0,8%
59	Tecidos impregnados, etc.	1,2%	2,8%	1,9%
60	Tecidos de malha	0,5%	0,6%	0,8%
61	Vestuário e seus acessórios, de malha	38,7%	38,7%	43,3%
62	Vestuário e seus acessórios, excepto de malha	30,1%	25,3%	21,1%
63	Outros artigos têxteis confeccionados	13,8%	16,3%	15,9%
	ITV	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: INE

Quadro... Importações Portuguesas por Produtos - Peso Relativo

NC	CATEGORIAS	1996	1999	2003
50	Artigos de seda	0,2%	0,2%	0,3%
51	Artigos de lã	7,4%	6,5%	5,0%
52	Artigos de algodão	24,8%	20,9%	19,8%
53	Outras fibras têxteis vegetais	1,2%	1,2%	1,2%
54	Filamentos sintéticos ou artificiais.	11,0%	11,2%	10,0%
55	Fibras sintéticas ou artificiais, descontínuas	12,4%	10,8%	8,2%
56	Pastas, feltros, etc.; artigos de cordoaria, etc.	2,4%	2,2%	2,1%
57	Tapetes e outros revestimentos	1,5%	1,9%	1,4%
58	Tecidos especiais e tufados	2,3%	2,1%	2,6%
59	Tecidos impregnados, etc.	5,1%	6,1%	5,2%

NC	CATEGORIAS	1996	1999	2003
60	Tecidos de malha	4,3%	5,1%	4,1%
61	Vestuário e seus acessórios, de malha	12,2%	15,0%	18,5%
62	Vestuário e seus acessórios, excepto de malha	13,2%	14,7%	19,0%
63	Outros artigos têxteis confeccionados	2,0%	2,0%	2,7%
	ITV	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: INE

Têxteis¹²

A Espanha foi não o principal mercado de destino das exportações nacionais com um peso de 18,0% nas exportações totais (mais 2,3 p.p. que em 2002), como também o principal mercado abastecedor sendo responsável por 20,8% das entradas deste grupo de produtos. Destaca-se o aumento do peso do mercado germânico nas exportações nacionais que contrastou com a evolução gaulesa. Deste modo, enquanto que o peso da Alemanha aumentou 3,5 p.p. face a ano anterior, a França registou uma queda de 8,8 p.p.

Quadro... 10 Principais Destinos das Exportações de Têxteis

País	Valor (000€)	Peso Relativo em 2003	Var. Peso Rel. 03/02
Espanha	160.197	18,0%	2,3 p.p.
Alemanha	155.704	17,5%	3,5 p.p.
França	92.970	10,4%	-8,8 p.p.
Reino Unido	67.742	7,6%	-5,2 p.p.
Itália	66.488	7,5%	1,0 p.p.
Holanda	34.608	3,9%	0,8 p.p.
EUA	29.454	3,3%	0,5 p.p.
Marrocos	24.277	2,7%	0,9 p.p.
Suécia	23.833	2,7%	0,2 p.p.
Bélgica	23.622	2,7%	0,2 p.p.

Fonte: Eurostat

Quadro... 10 Principais Origens das Importações de Têxteis

País	Valor (000€)	Peso Relativo em 2003	Var. Peso Rel. 03/02
Espanha	376.271	20,8%	2,3 p.p.
Itália	274.362	15,2%	-0,4 p.p.
Alemanha	247.145	13,7%	-0,3 p.p.

¹² Foram considerados têxteis as Nomenclaturas Combinadas (NC) 50 a 63 excepto o vestuário (61 e 62) e os têxteis lar (NC: 6301 a 6304, NC:57 e NC: 5805).

País	Valor (000€)	Peso Relativo em 2003	Var. Peso Rel. 03/02
França	172.453	9,5%	0,1 p.p.
Bélgica	87.651	4,8%	0,6 p.p.
Reino Unido	84.278	4,7%	-0,5 p.p.
Holanda	55.386	3,1%	0,2 p.p.
Paquistão	53.701	3,0%	0,3 p.p.
Turquia	48.376	2,7%	0,2 p.p.
Índia	47.171	2,6%	-0,4 p.p.

Fonte: Eurostat

Vestuário¹³

No vestuário, a Espanha teve um peso ainda mais preponderante, forneceu 49,5% das importações totais e importou 25,2% das exportações tendo registado, neste último indicador, um aumento de peso de 4,4 p.p.

Como principais destinos das exportações nacionais de vestuário acrescentam-se o Reino Unido e a França com pesos de 16,8% e 15,6%, verificando, contudo, uma queda face a 2002.

Do lado das importações, a França e a Itália ocupam a segunda e terceira posição do ranking de maiores fornecedores com quotas de 15,4% e 13,8%, respectivamente.

Quadro... 10 Principais Destinos das Exportações de Vestuário

País	Valor (000€)	Peso Relativo em 2003	Var. Peso Rel. 03/02
Espanha	743.919	25,2%	4,4 p.p.
Reino Unido	496.259	16,8%	-0,2 p.p.
França	461.415	15,6%	-0,6 p.p.
Alemanha	366.242	12,4%	-2,1 p.p.
Holanda	162.615	5,5%	-0,6 p.p.
Itália	141.709	4,8%	0,3 p.p.
Suiça	102.035	3,5%	0,1 p.p.
Suécia	74.103	2,5%	-0,2 p.p.
Bélgica	68.019	2,3%	-0,2 p.p.
Dinamarca	65.790	2,2%	-0,4 p.p.

Fonte: Eurostat

¹³ Foi considerado vestuário as NC: 61 e 62

Quadro... 10 Principais Origens das Importações de Vestuário

País	Valor (000€)	Peso Relativo em 2003	Var. Peso Rel. 03/02
Espanha	565.562	49,5%	0,8 p.p.
França	176.131	15,4%	0,1 p.p.
Itália	157.623	13,8%	-1,2 p.p.
Alemanha	77.835	6,8%	-0,3 p.p.
Bélgica	30.977	2,7%	0,2 p.p.
Holanda	28.704	2,5%	0,2 p.p.
China	19.293	1,7%	0,2 p.p.
Austria	13.987	1,2%	0,2 p.p.
Reino Unido	13.925	1,2%	-0,1 p.p.
Polónia	6.371	0,6%	0,0 p.p.

Fonte: Eurostat

Têxtil lar

Ao contrário dos produtos têxteis e de vestuário em que os países intracomunitários ocupavam os lugares cimeiros do respectivo ranking de principais clientes, nos têxteis lar, os EUA absorvem 25,1% das saídas. Todavia, este mercado perdeu peso a face a 2002 (3,9 p.p.) reflectindo a perda de competitividade dos artigos nacionais provocada pela evolução da cotação do euro face ao dólar americano em 2003. Mas, as perdas cambiais no comércio dos produtos finais são em parte atenuadas com pela compra de matérias-primas em dólares americanos.

Relativamente aos principais fornecedores do mercado nacional destacam-se a Espanha e a Índia com quotas de, respectivamente 21,1% e 15,2% nas importações totais nacionais. Merece, também, referência o aumento da quota destes dois países, em particular da Índia que passou de uma quota de 11,6% em 2002 para 15,2% em 2003.

Quadro... 10 Principais Destinos das Exportações de Têxteis Lar

País	Valor (000€)	Peso Relativo em 2003	Var. Peso Rel. 03/02
EUA	185.186	25,1%	-3,9 p.p.
Reino Unido	142.888	19,3%	-0,9 p.p.
Espanha	93.450	12,6%	2,2 p.p.
França	88.309	11,9%	1,0 p.p.
Alemanha	39.770	5,4%	-0,1 p.p.
Holanda	36.367	4,9%	0,9 p.p.
Itália	18.776	2,5%	0,3 p.p.
Suécia	15.932	2,2%	-0,2 p.p.
Irlanda	14.375	1,9%	0,1 p.p.
Suiça	11.985	1,6%	0,0 p.p.

Fonte: Eurostat

Quadro... 10 Principais Origens das Importações Têxteis Lar

País	Valor (000€)	Peso Relativo em 2003	Var. Peso Rel. 03/02
Espanha	20.110	21,1%	1,3 p.p.
Índia	14.473	15,2%	3,6 p.p.
Bélgica	10.579	11,1%	-1,1 p.p.
China	10.010	10,5%	-1,3 p.p.
França	9.907	10,4%	0,0 p.p.
Holanda	7.314	7,7%	-1,1 p.p.
Alemanha	6.271	6,6%	-0,3 p.p.
Itália	4.671	4,9%	0,0 p.p.
Reino Unido	2.365	2,5%	0,2 p.p.
Paquistão	1.760	1,8%	0,9 p.p.

Fonte: Eurostat

Euro prejudica têxteis-lar – in www.portugaltexil.com (11/10/2004)

As exportações de têxteis-lar nacionais cresceram significativamente, em particular entre 1993 e 1999, tendo registado um abrandamento do ritmo de crescimento a partir daí.

Se tivermos em consideração o período temporal compreendido entre 1993 e 2003 constatamos que as exportações cresceram 51,0%, resultando numa taxa de crescimento média anual de 4,2%. De referir que, entre 2002 e 2003, exportações caíram 7,4% impulsionadas pela evolução ao nível das roupas de mesa que caiu 30,9% e das colchas e lençóis com reduções de 18,8% e 13,7%, respectivamente. Todavia, as exportações das outras roupas de mesa, toucador ou cozinha e dos diversos cresceram 23,3% e 16,2% contribuindo positivamente para a evolução das exportações.

Os lençóis representavam 44% das exportações de têxteis, em 2003, num total de 316.967 mil euros logo seguido dos artigos de toucador ou cozinha de felpo com 30% das exportações equivalendo a 223.303 mil euros. Adicionalmente, a análise comparativa da evolução do peso relativo nas exportações das diferentes categorias de têxteis-lar aponta para um aumento do peso dos lençóis em 5 p.p. e das colchas em 3 p.p. nos últimos dez anos. Em sentido inverso variou a categoria de toucador ou cozinha de felpo com uma queda de 10 p.p.

Os principais clientes nacionais foram os EUA, o Reino Unido e Espanha com pesos nas exportações de, respectivamente, 25,2%, 19,5% e 12,3%. É importante referir que os quatro principais clientes nacionais absorvem 68,9% das exportações totais e que, contrariamente à média da ITV, os têxteis-lar estão menos concentrados no mercado intra-comunitário (representa 66,8% das saídas totais que compara com os 83,6% médios da ITV).

Nos últimos dez anos a Alemanha perdeu peso relativo no mercado de exportação nacional em contrapartida de um aumento do peso dos EUA. Merece referência a evolução dos pesos relativos em 2003, efectivamente, nesse ano, os EUA e o Reino Unido inverteram a tendência de crescimento dos anos anteriores com quedas de 5 p.p. e 1 p.p. respectivamente. Esta evolução negativa pode estar associada à valorização cambial do euro face ao dólar americano e à libra

esterlina.

Efectivamente, de acordo com os dados do Banco de Portugal, a cotação média do euro face ao dólar americano passou de 0,95 para 1,13 dólares (2). Na libra esterlina a variação foi menor mas igualmente relevante passando de uma taxa de câmbio média de 0,63 em 2002 para 0,69 em 2003.

Quadro... Exportações dos Dez Principais Produtos

NC	Categorias	2002	2003	Peso nas Exportações em 2003
61091000	T-shirts e camisolas interiores de malha, de algodão	465.931	512.246	11,2%
63026000	Roupa de toucador ou cozinha de tecidos turcos, de algodão	228.331	220.699	4,8%
61099030	T-shirts e camisolas interiores de malha, de fibras artificiais ou sintéticas	165.556	164.613	3,6%
61102099	Camisolas, pulôveres e semelhantes, de algodão, de uso feminino	157.296	147.059	3,2%
63023190	Lençóis de algodão exepcto os combinados com linho e os estampados	151.159	141.943	3,1%
63022100	Lençóis de algodão estampados	139.561	123.267	2,7%
62052000	Camisas de tecido de uso masculino	136.874	122.150	2,7%
61159200	Meias de algodão	115.639	121.839	2,7%
61102091	Camisolas, pulôveres e semelhantes, de algodão, de uso masculino	133.256	118.158	2,6%
61112090	Vestuário e seus acessórios, de malha, para bebé de algodão (excepto luvas)	90.798	78.979	1,7%

Fonte: Eurostat, valores em milhares de euros

Portugal e os Parceiros Comunitários

O mercado intra-comunitário absorve 84,0% as exportações nacionais totais totalizando 3.853,3 milhões de euros. No mercado da U.E. a Espanha, o Reino Unido, a França e a Alemanha em conjunto absorveram aproximadamente $\frac{3}{4}$ dos fluxos para a Comunidade, o mesmo peso que em 2002 ocultando um aumento da Espanha e uma queda dos restantes parceiros.

Nas Importações o peso do mercado intra-comunitário é também relevante, efectivamente, durante 2003, 82,4% das entradas no mercado no mercado nacional partiram da U.E. mais 1,5 p.p. que no ano transacto. Realçam-se, de novo, a Espanha e a França e a Alemanha no ranking dos quatro principais acrescentando-se a Itália. No seu conjunto estes mercados fornecem 83,2% das entradas para o mercado nacional oriundas dos 15.

Quadro... Exportações Nacionais para a U.E.

País	Peso Relativo
Espanha	25,9%
Reino Unido	18,3%
França	16,7%
Alemanha	14,6%
Holanda	6,1%
Itália	5,9%
Suécia	3,0%
Bélgica	2,6%
Dinamarca	2,4%
Aústria	1,5%
Finlândia	1,3%
Irlanda	1,1%
Grécia	0,6%
Luxemburgo	0,1%
Total	100,0%

Fonte: Eurostat

Quadro... Importações Nacionais para a U.E.

País	Peso Relativo
Espanha	38,3%
Itália	17,4%
França	14,3%
Alemanha	13,2%
Bélgica	5,1%
Reino Unido	4,0%
Holanda	3,6%
Aústria	1,6%
Grécia	0,9%
Suécia	0,7%
Dinamarca	0,3%
Irlanda	0,3%
Finlândia	0,1%
Luxemburgo	0,1%
Total	100,0%

Fonte: Eurostat

Principais Mercados de Destino das Exportações Nacionais para a U.E. em 2003

Espanha

A análise dos maiores fornecedores espanhóis em cada categoria de produto coloca Portugal nos lugares cimeiros, ocupando mesmo o top cinco no vestuário e o primeiro lugar nos têxteis lar. Se compararmos com o ano anterior verificamos que a quota nacional aumentou no vestuário (0,3 p.p.) e, em particular, nos têxteis-lar com um crescimento de 3,8 p.p.

Quadro... Principais Fornecedores Têxteis

Rank	País	Quota 2003	Var. Quota 03/02
1º	Itália	23,0%	1,0 p.p.
2º	Alemanha	13,0%	0,4 p.p.
3º	França	11,4%	0,0 p.p.
4º	China	4,7%	0,8 p.p.
5º	Bélgica	4,1%	0,0 p.p.
...			
7º	Portugal	4,0%	-0,5 p.p.

Fonte: Eurostat

Quadro... Principais Fornecedores de Vestuário

Rank	País	Quota 2003	Var. Quota 03/02
1º	China	13,3%	0,6 p.p.
2º	Itália	12,9%	-0,3 p.p.
3º	Portugal	11,4%	0,3 p.p.
4º	Marrocos	10,8%	1,2 p.p.
5º	França	9,0%	0,2 p.p.

Fonte: Eurostat

Quadro... Principais Fornecedores de Têxteis Lar

Rank	País	Quota 2003	Var. Quota 03/02
1º	Portugal	24,8%	3,8 p.p.
2º	França	13,2%	-0,8 p.p.
3º	Índia	10,2%	-0,1 p.p.
4º	China	8,2%	0,0 p.p.
5º	Paquistão	7,1%	1,1 p.p.

Fonte: Eurostat

Reino Unido

O Reino Unido foi o segundo maior mercado de destino das exportações nacionais, contudo, Portugal não está entre os cinco maiores fornecedores em nenhuma das categorias de produtos. Merece, no entanto, referência a quota nacional nas importações britânicas de têxteis lar (6,7%) e,

em, menor medida, no vestuário (3,3%). A China tem uma posição de destaque, à semelhança do que se verificou no mercado hispânico, coloca-se no ranking dos cinco maiores fornecedores nos três grupos de produtos.

Quadro... Principais Fornecedores Têxteis

Rank	País	Quota 2003	Var. Quota 03/02
1º	Itália	13,6%	-0,1 p.p.
2º	Alemanha	11,3%	0,1 p.p.
3º	China	7,6%	1,1 p.p.
4º	Bélgica	7,5%	0,1 p.p.
5º	França	6,8%	-0,3 p.p.
...			
17º	Portugal	1,2%	-0,1 p.p.

Fonte: Eurostat

Quadro... Principais Fornecedores de Vestuário

Rank	País	Quota 2003	Var. Quota 03/02
1º	China	14,5%	0,6 p.p.
2º	Turquia	11,8%	0,8 p.p.
3º	Hong Kong	5,5%	-0,3 p.p.
4º	Itália	5,5%	-0,1 p.p.
5º	Bangladesh	5,0%	0,9 p.p.
...			
11º	Portugal	3,3%	0,2 p.p.

Fonte: Eurostat

Quadro... Principais Fornecedores de Têxteis Lar

Rank	País	Quota 2003	Var. Quota 03/02
1º	Bélgica	27,2%	0,1 p.p.
2º	Paquistão	11,1%	-0,5 p.p.
3º	China	9,4%	1,7 p.p.
4º	Holanda	8,9%	0,4 p.p.
5º	Índia	8,2%	0,0 p.p.
6º	Portugal	6,7%	-0,2 p.p.

Fonte: Eurostat

França

No mercado francês Portugal está sempre colocado no ranking dos dez maiores fornecedores sendo de realçar o aumento da quota nacional nas importações francesas de vestuário e de têxteis lar em contraste com a evolução no vestuário que registou uma queda de 0,3 p.p.

Quadro... Principais Fornecedores Têxteis

Rank	País	Quota 2003	Var. Quota 03/02
1º	Itália	21,9%	0,3 p.p.
2º	Alemanha	14,6%	-0,2 p.p.
3º	Bélgica	12,6%	-0,3 p.p.
4º	Espanha	8,0%	-0,2 p.p.
5º	Reino Unido	4,3%	-0,2 p.p.
...			
10º	Portugal	2,1%	0,3 p.p.

Fonte: Eurostat

Quadro... Principais Fornecedores de Vestuário

Rank	País	Quota 2003	Var. Quota 03/02
1º	Bélgica	13,4%	0,1 p.p.
2º	Itália	10,1%	0,3 p.p.
3º	Tunísia	8,4%	-0,5 p.p.
4º	China	7,8%	0,1 p.p.
5º	Marrocos	7,3%	-0,7 p.p.
...			
10º	Portugal	3,4%	-0,3 p.p.

Fonte: Eurostat

Quadro... Principais Fornecedores de Têxteis Lar

Rank	País	Quota 2003	Var. Quota 03/02
1º	Bélgica	24,5%	0,1 p.p.
2º	Turquia	11,3%	1,3 p.p.
3º	Índia	7,6%	0,0 p.p.
4º	Paquistão	7,3%	-0,6 p.p.
5º	Portugal	7,0%	0,2 p.p.

Fonte: Eurostat

Alemanha

No mercado germânico, o maior mercado comunitário, as quotas nacionais são menos significativas tendo evidenciado sinais de degradação. Com exceção dos produtos têxteis, Portugal perdeu quota analogamente aos restantes países comunitários em contrapartida do aumento das quotas turcas e chinesas no vestuário e nos têxteis lar.

Quadro... Principais Fornecedores Têxteis

Rank	País	Quota 2003	Var. Quota 03/02
1º	Itália	19,3%	-1,2 p.p.
2º	França	7,1%	-0,5 p.p.
3º	Holanda	6,0%	-0,3 p.p.
4º	República Checa	5,8%	0,7 p.p.
5º	Bélgica	5,4%	0,2 p.p.
...			
15º	Portugal	1,9%	0,1 p.p.

Fonte: Eurostat

Quadro... Principais Fornecedores de Vestuário

Rank	País	Quota 2003	Var. Quota 03/02
1º	Turquia	15,5%	1,1 p.p.
2º	China	11,2%	1,4 p.p.
3º	Itália	7,1%	-1,4 p.p.
4º	Roménia	5,0%	0,0 p.p.
5º	Holanda	4,9%	-0,7 p.p.
...			
18º	Portugal	1,5%	-0,3 p.p.

Fonte: Eurostat

Quadro... Principais Fornecedores de Têxteis Lar

Rank	País	Quota 2003	Var. Quota 03/02
1º	Turquia	14,2%	1,9 p.p.
2º	Bélgica	12,0%	-2,1 p.p.
3º	Índia	9,4%	0,8 p.p.
4º	Holanda	7,8%	-0,7 p.p.
5º	China	7,6%	1,2 p.p.
...			
18º	Holanda	1,2%	-0,3 p.p.

Fonte: Eurostat

Quotas de Mercado

A quota de mercado nacional na U.E. é de 2,7%, contudo, a análise desagregada dos 15 aponta para quotas de mercado superiores. A Espanha é disso exemplo, 9,4% das importações totais têm origem nacional (mais 0,6 p.p. que em 2002) sendo que nos têxteis lar a quota de Portugal é de 24,8% e no vestuário de 11,4%.

Refira-se por fim que, de acordo com a análise das principais quotas¹⁴ nacionais em cada categoria de produtos, é nos países nórdicos que Portugal conquista as maiores quotas de mercado têxteis nomeadamente, na Suécia, uma vez que em cinco das doze categorias têxteis, as melhores quotas de mercado foram conquistadas neste mercado. No vestuário e nos têxteis lar, é na Espanha que Portugal conquista as melhores quotas de mercado sendo mesmo líder de mercado no segundo.

Quadro... Quota dos Produtos Nacionais nas Importações de cada País

País	Total	Têxteis	Vestuário	Têxteis lar
Espanha	9,4%	4,0%	11,4%	24,8%
Suécia	3,3%	3,0%	3,2%	4,7%
França	3,3%	2,1%	3,4%	7,0%
Reino Unido	3,2%	1,2%	3,3%	6,7%
Finlândia	3,1%	2,1%	2,8%	10,2%
Dinamarca	3,1%	1,5%	3,4%	6,7%
Holanda	2,1%	1,4%	2,3%	2,9%
Irlanda	1,7%	0,9%	1,2%	6,6%
Alemanha	1,6%	1,9%	1,5%	1,2%
Bélgica	1,5%	1,0%	1,8%	1,2%
Itália	1,3%	0,9%	1,6%	2,7%
Aústria	1,1%	0,3%	1,5%	0,8%
Grécia	1,0%	0,5%	0,8%	4,5%
Luxemburgo	0,1%	0,0%	0,1%	0,1%

Fonte: Eurostat

Quadro... Maiores Quotas Nacionais por Produto na U.E.

Descrição	Quota	País
Artigos de seda	1,2%	Suécia
Artigos de lã	5,6%	Finlândia
Artigos de algodão	8,1%	Suécia
Outras fibras têxteis vegetais	4,1%	Suécia
Filamentos sintéticos ou artificiais	2,6%	Suécia
Fibras sintéticas ou artificiais, descontínuas	5,2%	Espanha
Pastas, feltros, etc.; artigos de cordoaria, etc.	7,2%	Holanda
Tapetes e outros revestimentos	2,8%	Finlândia
Tecidos especiais e tufados	6,6%	Suécia
Tecidos impregnados, etc.	3,6%	Alemanha
Tecidos de malha	16,7%	Finlândia
Vestuário e seus acessórios, de malha	13,9%	Espanha

¹⁴ O que não significa que Portugal detenha a maior quota de mercado

Descrição	Quota	País
Vestuário e seus acessórios, excepto de malha	9,3%	Espanha
Outros artigos têxteis confeccionados	25,8%	Espanha

Fonte: Eurostat

O desafio de 2005 – in www.portugaltexil.com (26/11/2004)

O Acordo sobre Têxteis e Vestuário (ATV) assinado no âmbito do Uruguai Round estabeleceu um período de 10 anos a partir de 1 de Janeiro de 1995, durante o qual os Estados membros deveriam integrar o comércio de têxteis e vestuário no GATT, de acordo com um faseamento em 3 estágios de integração progressiva e finalmente a integração completa de todos os produtos.

Por detrás desta integração parcial dos produtos da ITV realizada pela União Europeia está a necessidade de uma progressiva adaptação do sector à livre concorrência com os países que antes estavam sujeitos a quotas. No entanto, o ATV foi delineado de acordo com o perfil de importação em da U.E. em 1990 levantando, assim, dois aspectos fundamentais, por um lado o perfil de exportação nacional é diferente do perfil de importação da União Europeia, e por outro, entre 1990 e 2005 não só o padrão de importação da U.E. se alterou como também o padrão de exportação nacional.

Adicionalmente convém lembrar que a grande maioria das categorias que ainda estão por liberalizar são de vestuário o que, a avaliar pela evolução da quota da China nos produtos já integrados nas fases precedentes, parece antever um aumento da quota deste país asiático. Efectivamente, nas categorias de vestuário integradas na segunda fase, o gigante asiático conquistou (entre 1998 e 2003) 9,8 pontos percentuais de quota nas importações extra-comunitárias em contrapartida da perda de quota de alguns mercados intracomunitários e dos pequenos mercados asiáticos parcialmente protegidos da China pelo sistema de quotas e por acordos preferenciais. A terceira fase (em 2002) corroborou esta evolução, em apenas um ano, as importações com origem no mercado asiático cresceram 26,2% em valor reflectindo-se num aumento da quota extra-comunitária de 7,4 pontos percentuais face ao ano anterior.

O impacto da liberalização será, contudo, mais pronunciado nas importações originárias da China, da Índia e do Paquistão, uma vez que, os restantes países já estavam sujeitos a acordos preferências de comércio.

Neste contexto, segundo os dados do Observatório Têxtil do CENESTAP, apenas 19,9% das exportações nacionais já estão totalmente liberalizadas, ou seja, cerca de 4/5 das exportações nacionais ainda estão protegidas pelas quotas à importação da U.E. a alguns países extra-comunitários, entre os quais está a China.

Em suma, tendo presente que em 2003 o mercado comunitário absorveu 84,5% das exportações nacionais concluímos que a partir de Janeiro de 2005 Portugal estará sujeito à livre concorrência, de uma vez só, em 80,1% das exportações nacionais que até à data estavam protegidas no mercado comunitário sendo este o maior desafio à ITV nacional no curto prazo.



CENESTAP
CENTRO DE ESTUDOS
TÊXTEIS APLICADOS



observatório**têxtil**

Anexos

Notas Explicativas

Horas Trabalhadas – Refere-se ao número de horas efectivamente trabalhadas pelo “pessoal ao serviço” na empresa, tal como é definido no respectivo conceito.

Índice de Produção Industrial (IPI) – tem como objectivo acompanhar a evolução do valor acrescentado na indústria em cada um dos ramos da actividade que a compõem. Na generalidade das actividades industriais, o IPI baseia-se em médias ponderadas das quantidades produzidas dos principais produtos característicos de cada indústria, volume de vendas e número de horas trabalhadas pelo pessoal ao serviço, sendo o ponderador dado pelo respectivo valor da produção.

Índice de Preços na Produção Industrial (IPPI) – visam medir a evolução dos preços de venda dos produtos industriais para o mercado nacional no seu primeiro estágio de comercialização (preços à saída da fábrica).

Índice de Preços no Consumidor – Permite avaliar os movimentos, face ao ano de referência, ocorridos nos preços dos produtos que compõem um cabaz fixo de bens e serviços representativo da estrutura de consumo média da população.

Índice de Custo Trabalho (ICT) – Visa medir a evolução do custo, para o empregador, de uma unidade standard de mão-de-obra (neste caso, uma hora efectivamente trabalhada). Desta forma, reflecte apenas o efeito preço, não sendo sensível às variações ocorridas no número de trabalhadores.

Índice Volume de Negócios – Mede a evolução da facturação (com exclusão do IVA), relativa às vendas de mercadorias, produtos acabados e intermédios, subprodutos, desperdícios, resíduos e refugos e à prestação de serviços a terceiros. A este valor devem deduzir-se as devoluções, os descontos e abatimentos e, devem adicionar-se todas as taxas, encargos ou despesas que recaíam sobre os produtos e que sejam imputados ao cliente, ainda que facturados separadamente. Não devem ser considerados os subsídios de exploração ou quaisquer receitas provenientes da venda de imobilizado.

Índice de Emprego – Mede a variação do número de trabalhadores que fazem parte da “folha de remunerações”, independentemente do tipo de contrato, do trabalho a tempo inteiro ou parcial ou, do local de trabalho, no momento de referência.

Índice Remunerações – Mede a evolução do montante ilíquido em dinheiro ou em géneros, pagos aos trabalhadores que se incluem no conceito de “pessoal ao serviço”, pelo trabalho realizado no período normal e extraordinário (reflecte, portanto, variações no valor das remunerações e no número de pessoas ao serviço). Inclui ainda o pagamento de horas remuneradas mas não efectuadas (férias, feriados e outras ausências pagas) e ainda os subsídios que se revistam de carácter regular como sejam os subsídios de alimentação, de função, alojamento ou transporte, diuturnidades ou prémios de antiguidade, produtividade, de assiduidade, isenções de horário de trabalho, subsídio por trabalhos penosos, perigosos ou sujos e subsídios por trabalhos de turnos e nocturnos.

Índice Harmonizado de Preços no Consumidor – Indicador para comparação da inflação entre os Estados-membros da UE.

Varição Homóloga – Corresponde à variação percentual entre o valor assumido por uma variável ou indicador num período e o que se verificava no mesmo período do ano anterior.

Varição Corrente – Corresponde à variação percentual entre o valor assumido por uma variável ou indicador num período e o que se verificava no período anterior.

Exportações – Valores FOB (Free on Board)

Importações – Valores CIF (Cost Insurance Freight)

Fluxos com a U.E: os fluxos com a Comunidade Europeia são denominados Expedições e Chegadas, no entanto, na presente análise, as Expedições estão incluídas nas Exportações e as Chegadas estão incluídas nas Importações.



CENESTAP
CENTRO DE ESTUDOS
TÊXTEIS APLICADOS

Quinta da Maia – Av. Do Brasil
Apartado 265 · 4760-010 V. N. Famalicão
Tel. 252 30 20 20 · Fax 252 31 61 42
cenestap@portugaltextil.com
www.portugaltextil.com/cenestap



observatóriotêxtil

Quadro... Quota da ITV nacional por país e por produto – 2003

Descrição	França	Holanda	Alemanha	Itália	Reino Unido	Irlanda	Dinamarca	Grécia	Espanha	Bélgica	Luxemburgo	Suécia	Finlândia	Aústria
Artigos de seda	0,05%	0,17%	0,02%	0,00%	0,08%	0,00%	0,43%	0,00%	0,34%	0,13%	0,00%	1,22%	0,10%	0,00%
Artigos de lã	1,19%	2,37%	5,38%	0,28%	2,62%	0,65%	0,71%	0,97%	5,19%	0,91%	0,06%	1,54%	5,64%	0,03%
Artigos de algodão	2,39%	0,96%	1,28%	0,96%	1,77%	1,19%	3,97%	0,73%	6,28%	0,95%	1,03%	8,06%	2,39%	0,47%
Outras fibras têxteis vegetais	0,17%	0,09%	0,23%	0,27%	0,40%	0,24%	0,00%	0,04%	1,20%	0,16%	0,00%	4,12%	0,01%	0,02%
Filamentos sintéticos ou artificiais	0,47%	0,64%	0,64%	0,26%	0,23%	0,11%	0,50%	0,29%	1,62%	0,41%	0,00%	2,57%	1,79%	0,24%
Fibras sintéticas ou artificiais, descontínuas	1,90%	0,65%	2,72%	3,30%	2,20%	1,46%	1,21%	0,53%	5,19%	0,54%	0,01%	1,66%	1,09%	0,17%
Pastas, feltros, etc.; artigos de cordoaria, etc.	2,62%	7,22%	0,81%	0,78%	2,52%	4,02%	2,65%	0,69%	4,82%	1,88%	0,01%	3,11%	1,25%	0,11%
Tapetes e outros revestimentos	1,15%	0,11%	0,42%	0,72%	2,14%	2,02%	0,30%	0,04%	2,51%	0,33%	0,00%	0,40%	2,78%	0,30%
Tecidos especiais e tufados	1,01%	0,84%	0,31%	0,91%	0,32%	0,37%	1,63%	0,29%	2,32%	0,35%	0,05%	6,62%	0,48%	0,15%
Tecidos impregnados, etc.	1,14%	0,29%	3,63%	0,88%	0,68%	0,00%	0,83%	0,33%	2,53%	2,89%	0,11%	1,52%	0,63%	1,21%
Tecidos de malha	1,50%	0,25%	0,50%	0,65%	0,20%	0,05%	1,03%	0,07%	3,68%	1,63%	0,00%	4,59%	16,70%	0,25%
Vestuário e seus acessórios, de malha	5,50%	4,06%	2,58%	2,22%	4,67%	1,41%	4,15%	0,57%	13,93%	2,97%	0,08%	3,72%	4,10%	1,38%
Vestuário e seus acessórios, excepto de malha	1,74%	0,97%	0,69%	1,25%	2,14%	1,06%	2,86%	0,99%	9,27%	0,87%	0,07%	2,84%	1,76%	1,56%
Outros artigos têxteis confeccionados	9,58%	3,09%	1,50%	2,54%	8,74%	7,39%	6,56%	5,99%	25,84%	1,72%	0,16%	4,78%	9,96%	0,73%

Fonte: Eurostat

Quadro... Peso Relativo das Importações de cada produto feitas pelos diferentes países da União Europeia - 2003

Descrição	França	Holanda	Alemanha	Itália	Reino Unido	Irlanda	Dinamarca	Grécia	Portugal	Espanha	Bélgica	Luxemburgo	Suécia	Finlândia	Aústria	U.E.
Artigos de seda	14,32%	1,29%	16,55%	37,84%	10,92%	0,34%	0,59%	1,66%	1,99%	10,23%	2,09%	0,08%	0,30%	0,31%	1,51%	100,00%
Artigos de lã	10,26%	3,23%	21,35%	33,96%	10,48%	1,00%	1,88%	1,01%	4,25%	4,42%	5,15%	0,01%	0,59%	0,51%	1,91%	100,00%
Artigos de algodão	11,99%	4,14%	16,41%	23,48%	8,09%	0,49%	1,57%	2,19%	8,77%	9,01%	7,70%	0,07%	1,33%	0,68%	4,10%	100,00%
Outras fibras têxteis vegetais	12,62%	5,95%	9,64%	21,19%	10,98%	0,46%	0,71%	1,54%	3,30%	8,40%	19,94%	0,03%	1,17%	0,46%	3,62%	100,00%
Filamentos sintéticos ou artificiais	13,47%	9,54%	15,46%	17,15%	11,85%	0,73%	1,89%	2,02%	3,55%	8,92%	7,57%	2,16%	1,26%	0,99%	3,46%	100,00%
Fibras sintéticas ou artificiais, descontínuas	12,72%	6,66%	19,88%	15,79%	12,80%	0,65%	1,71%	2,64%	4,33%	9,21%	7,93%	0,16%	1,34%	1,08%	3,09%	100,00%
Pastas, feltros, etc.; artigos de cordoaria, etc.	13,51%	8,32%	19,38%	9,63%	13,82%	1,23%	3,12%	1,84%	1,67%	9,96%	8,26%	0,78%	2,68%	1,67%	4,12%	100,00%
Tapetes e outros revestimentos	9,39%	7,36%	26,14%	5,19%	28,37%	1,83%	1,65%	1,89%	1,18%	3,69%	5,46%	0,43%	2,82%	1,14%	3,45%	100,00%
Tecidos especiais e tufados	15,39%	6,07%	14,82%	13,00%	18,17%	1,01%	1,79%	2,74%	4,36%	9,88%	5,63%	0,09%	1,72%	0,86%	4,45%	100,00%
Tecidos impregnados, etc.	16,31%	5,78%	24,93%	10,42%	8,12%	0,88%	2,69%	1,21%	4,74%	9,03%	4,36%	0,31%	4,20%	3,06%	3,95%	100,00%
Tecidos de malha	17,66%	3,96%	18,94%	15,24%	8,84%	1,91%	3,72%	3,35%	5,73%	7,54%	6,50%	0,04%	1,49%	0,87%	4,23%	100,00%
Vestuário e seus acessórios, de malha	15,30%	7,29%	23,17%	8,87%	17,54%	1,65%	2,79%	1,04%	1,56%	6,74%	6,15%	0,33%	2,58%	1,08%	3,90%	100,00%
Vestuário e seus acessórios, excepto de malha	15,14%	7,60%	22,66%	10,00%	16,86%	1,44%	2,72%	1,38%	1,28%	6,58%	6,62%	0,36%	2,49%	1,15%	3,71%	100,00%
Outros artigos têxteis confeccionados	15,55%	8,64%	23,85%	6,54%	15,97%	1,63%	2,49%	1,63%	1,01%	6,24%	7,08%	0,38%	3,72%	1,38%	3,89%	100,00%

Fonte: Eurostat

Quadro... Peso Relativo das Exportações de cada produto feitas pelos diferentes países da União Europeia – 2003

Descrição	França	Holanda	Alemanha	Itália	Reino Unido	Irlanda	Dinamarca	Grécia	Portugal	Espanha	Bélgica	Luxemburgo	Suécia	Finlândia	Aústria	U.E.
Artigos de seda	13,43%	0,71%	15,81%	56,77%	8,60%	0,05%	0,08%	0,07%	0,24%	1,67%	1,01%	0,02%	0,08%	0,05%	1,40%	100,00%
Artigos de lã	8,60%	1,30%	17,90%	48,68%	9,89%	0,82%	1,04%	0,31%	2,42%	4,08%	3,38%	0,00%	0,18%	0,18%	1,21%	100,00%
Artigos de algodão	11,85%	4,69%	15,12%	32,48%	3,81%	0,04%	0,77%	6,64%	2,40%	9,42%	7,97%	0,00%	0,65%	0,31%	3,84%	100,00%
Outras fibras têxteis vegetais	25,36%	6,03%	6,40%	22,98%	8,81%	0,29%	0,53%	0,15%	0,44%	3,10%	21,96%	0,01%	0,47%	0,13%	3,34%	100,00%
Filamentos sintéticos ou artificiais	11,60%	12,86%	25,52%	18,93%	10,68%	1,33%	1,38%	0,64%	0,69%	6,15%	6,94%	0,21%	0,59%	0,34%	2,14%	100,00%
Fibras sintéticas ou artificiais, descontínuas	11,10%	4,21%	25,12%	16,43%	9,92%	1,65%	2,43%	0,14%	2,28%	8,39%	8,50%	0,06%	0,89%	1,06%	7,81%	100,00%
Pastas, feltros, etc.; artigos de cordoaria, etc.	11,45%	8,34%	26,54%	18,72%	7,28%	0,35%	2,95%	0,80%	2,54%	3,79%	6,81%	2,54%	2,66%	1,97%	3,26%	100,00%
Tapetes e outros revestimentos	5,75%	19,33%	9,41%	2,68%	6,75%	0,69%	2,86%	0,66%	1,38%	1,25%	46,00%	0,04%	1,05%	0,20%	1,97%	100,00%
Tecidos especiais e tufados	20,14%	5,22%	20,73%	16,02%	7,64%	0,19%	0,81%	0,59%	1,28%	4,29%	14,56%	0,01%	1,00%	0,44%	7,08%	100,00%
Tecidos impregnados, etc.	9,73%	6,46%	30,08%	14,09%	10,07%	0,40%	1,01%	0,16%	1,64%	4,34%	8,49%	4,65%	3,69%	1,76%	3,43%	100,00%
Tecidos de malha	13,86%	3,45%	25,54%	26,11%	5,51%	0,03%	3,47%	2,07%	0,97%	8,27%	3,69%	0,00%	1,38%	0,42%	5,23%	100,00%
Vestuário e seus acessórios, de malha	11,01%	7,84%	13,99%	23,02%	7,15%	0,60%	4,02%	5,02%	9,02%	5,43%	8,03%	0,13%	1,21%	0,31%	3,21%	100,00%
Vestuário e seus acessórios, excepto de malha	11,62%	7,70%	17,53%	28,69%	7,11%	0,65%	3,53%	0,65%	3,37%	5,63%	9,36%	0,32%	1,26%	0,40%	2,17%	100,00%
Outros artigos têxteis confeccionados	9,49%	9,85%	18,72%	9,67%	8,81%	0,80%	3,36%	1,48%	13,29%	5,04%	11,68%	0,21%	3,31%	0,75%	3,54%	100,00%

Fonte: Eurostat

Quadro... Quota de Mercado detida por cada País da U.E. (Importações da U.E. de cada país/Importações totais da U.E. extra e intra) - 2003

Descrição	França	Holanda	Alemanha	Itália	Reino Unido	Irlanda	Dinamarca	Grécia	Portugal	Espanha	Bélgica	Luxemburgo	Suécia	Finlândia	Aústria	U.E.
Artigos de seda	3,13%	0,35%	8,84%	26,54%	2,63%	0,02%	0,01%	0,03%	0,07%	0,89%	0,44%	0,00%	0,02%	0,00%	0,38%	43,36%
Artigos de lã	5,48%	0,69%	9,05%	19,08%	5,91%	0,46%	0,66%	0,12%	2,06%	2,58%	2,33%	0,01%	0,11%	0,17%	0,53%	49,24%
Artigos de algodão	5,28%	2,05%	7,95%	15,38%	1,50%	0,02%	0,24%	2,99%	1,77%	5,41%	5,57%	0,05%	0,38%	0,12%	2,29%	50,99%
Outras fibras têxteis vegetais	18,51%	2,61%	4,01%	14,00%	2,95%	0,40%	0,25%	0,03%	0,33%	2,25%	10,31%	0,00%	0,19%	0,08%	2,45%	58,38%
Filamentos sintéticos ou artificiais	7,93%	7,68%	16,00%	11,85%	3,83%	1,53%	1,01%	0,22%	0,55%	4,68%	5,46%	0,22%	0,44%	0,15%	1,14%	62,69%
Fibras sintéticas ou artificiais, descontínuas	6,90%	2,10%	14,03%	12,52%	4,07%	1,81%	1,92%	0,09%	2,23%	5,38%	8,53%	0,12%	0,31%	0,74%	5,35%	66,11%
Pastas, feltros, etc.; artigos de cordoaria, etc.	9,09%	6,03%	19,12%	15,56%	4,15%	0,27%	2,01%	0,46%	2,43%	2,97%	6,01%	2,70%	2,03%	1,89%	2,30%	77,01%
Tapetes e outros revestimentos	3,81%	14,72%	6,45%	1,83%	3,63%	0,41%	1,89%	0,40%	1,08%	0,68%	31,58%	0,06%	0,74%	0,12%	1,16%	68,54%
Tecidos especiais e tufados	10,44%	3,43%	11,10%	11,84%	3,77%	0,15%	0,26%	0,30%	0,84%	4,50%	13,12%	0,01%	0,67%	0,16%	2,85%	63,45%
Tecidos impregnados, etc.	8,84%	5,98%	18,33%	11,09%	7,11%	0,49%	0,33%	0,05%	1,77%	4,32%	6,55%	5,67%	2,76%	1,23%	1,74%	76,28%
Tecidos de malha	8,65%	2,03%	15,55%	18,43%	4,93%	0,37%	1,35%	0,54%	1,14%	8,37%	3,41%	0,06%	0,69%	0,16%	2,92%	68,61%
Vestuário e seus acessórios, de malha	4,09%	3,63%	6,37%	7,91%	2,73%	0,27%	1,30%	1,99%	4,21%	2,45%	4,29%	0,09%	0,54%	0,06%	1,04%	40,97%
Vestuário e seus acessórios, excepto de malha	3,61%	3,86%	7,44%	6,52%	2,09%	0,25%	1,27%	0,12%	1,90%	2,10%	4,96%	0,20%	0,54%	0,09%	0,66%	35,62%
Outros artigos têxteis confeccionados	3,44%	3,65%	7,06%	3,14%	2,34%	0,34%	1,06%	0,68%	6,14%	1,82%	4,80%	0,10%	1,20%	0,15%	0,93%	36,83%

Fonte: Eurostat

Quadro... Importações Portuguesas da U.E. – 2003

Descrição	França	Holanda	Alemanha	Itália	Reino Unido	Irlanda	Dinamarca	Grécia	Espanha	Bélgica	Luxemburgo	Suécia	Finlândia	Aústria
Artigos de seda	596	39	616	3.265	514	8	0		1.794	48				11
Artigos de lã	21.003	611	40.984	44.620	14.157	236	40	7	21.956	4.100	2	118	0	178
Artigos de algodão	18.332	7.616	38.391	80.531	10.743	454	429	20.546	109.787	31.699	65	511	344	8.406
Outras fibras têxteis vegetais	2.725	897	1.049	8.942	2.002	752	35		7.651	1.679		63		91
Filamentos sintéticos ou artificiais	37.881	29.203	66.876	44.097	15.158	104	1.371	570	54.192	4.715	5	1.350	182	3.827
Fibras sintéticas ou artificiais, descontínuas	36.138	6.019	25.407	26.810	13.573	3.722	342	131	47.112	22.623	0	356	9	9.315
Pastas, feltros, etc.; artigos de cordoaria, etc.	9.228	2.367	9.685	15.262	2.821	14	1.273	87	14.473	980	808	267	116	400
Tapetes e outros revestimentos	4.233	2.950	3.802	1.120	1.562	69	2	37	5.704	9.628		166	261	37
Tecidos especiais e tufados	8.624	1.393	12.609	11.761	4.819	76	129	20	16.725	2.690		739	64	2.135
Tecidos impregnados, etc.	26.153	2.230	29.990	19.667	9.405		105	20	35.254	17.266	15	10.643	901	1.095
Tecidos de malha	8.327	3.560	18.244	18.624	10.590	37	1.415	13	52.158	1.039	3	1.809	219	1.728
Vestuário e seus acessórios, de malha	96.089	13.186	54.030	82.985	7.925	275	1.176	158	240.727	19.666	277	1.766	58	8.482
Vestuário e seus acessórios, excepto de malha	80.042	15.517	23.805	74.638	6.000	699	979	157	324.835	11.311	728	748	54	5.505
Outros artigos têxteis confeccionados	9.117	5.816	5.762	4.333	1.301	50	413	61	29.575	1.763	2	161	50	156

Fonte: Eurostat, valores em milhares de euros

Quadro... Exportações Portuguesas da U.E. - 2003

Descrição	França	Holanda	Alemanha	Itália	Reino Unido	Irlanda	Dinamarca	Grécia	Espanha	Bélgica	Luxemburgo	Suécia	Finlândia	Aútria
Artigos de seda	10		2	7	194				429	0				19
Artigos de lã	5.412	6.224	43.402	4.712	14.873	341	940	595	10.792	1.558		1.026	1.079	13
Artigos de algodão	19.098	3.958	20.645	21.789	9.968	613	3.464	1.293	42.167	4.825	66	7.427	1.362	1.025
Outras fibras têxteis vegetais	468	875	280	931	98	41	16	3	1.256	63		422	2	6
Filamentos sintéticos ou artificiais	9.988	1.500	14.548	4.541	1.675	146	713	411	14.383	1.978		1.560	1.776	993
Fibras sintéticas ou artificiais, descontínuas	17.858	3.105	32.310	23.094	14.552	524	1.392	890	25.849	1.516		2.091	1.083	261
Pastas, feltros, etc.; artigos de cordoaria, etc.	16.698	13.670	6.896	3.965	11.490	2.494	6.905	496	21.052	6.598	10	3.442	602	471
Tapetes e outros revestimentos	5.278	812	5.954	1.926	21.740	1.426	288	121	6.449	593	2	463	1.157	857
Tecidos especiais e tufados	2.661	4.157	2.200	2.973	1.307	29	637	173	8.914	553		3.768	250	524
Tecidos impregnados, etc.	5.595	540	28.012	1.717	2.971	223	631	219	11.383	5.238		2.859	391	1.508
Tecidos de malha	5.678	231	1.558	2.299	4.308	78	666	2	6.522	847		532	2.997	191
Vestuário e seus acessórios, de malha	323.731	134.069	274.062	101.057	329.318	14.624	35.131	2.848	463.637	52.054	2.894	37.306	16.965	22.550
Vestuário e seus acessórios, excepto de malha	137.685	28.546	92.180	40.653	166.942	9.232	30.659	6.869	280.282	15.965	1.366	36.797	9.469	26.611
Outros artigos têxteis confeccionados	92.535	35.903	39.665	17.310	127.452	13.284	11.788	9.388	104.451	7.909	58	16.176	11.255	2.939

Fonte: Eurostat, valores em milhares de euros